

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO/JORNALISMO

RAINER BRENO FRAZÃO SOUSA

BUMBA MEU BOI COSTA DE MÃO:
Uma prática cultural que resiste ao tempo.

São Luís
2025

RAINER BRENO FRAZÃO SOUSA

BUMBA MEU BOI COSTA DE MÃO:

Uma prática cultural que resiste ao tempo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof^a Dr^a Letícia Conceição Martins Cardoso

São Luís
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa, Rainer Breno Frazão.

Bumba meu boi costa de mão: uma prática cultural que
resiste ao tempo / Rainer Breno Frazão Sousa. - 2025.

81 f.

Orientador(a): Letícia Conceição Martins Cardoso.

Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade
Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Cultura Maranhense. 2. Mediação. 3. Bumba Meu
Boi. 4. Costa de Mão. I. Cardoso, Letícia Conceição
Martins. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui a minha profunda gratidão pela jornada acadêmica que vivenciei na Universidade. Cada etapa dessa caminhada foi fundamental para meu crescimento pessoal e profissional, que me ofereceram conhecimento extremamente valioso e diversas experiências inesquecíveis. No entanto, não posso deixar de dizer que este caminho, por mais prazeroso, foi repleto de desafios e de momentos exaustivos, que me exigiram grande dedicação e resiliência, cheguei a pensar em desistir, mas percebi que essa não era uma escolha.

Apesar das dificuldades, sou grato por cada obstáculo enfrentado, pois foram eles que moldaram minha trajetória e fortaleceram meu caráter. Agradeço também por cada pessoa que passou durante essa longa caminhada, e que foram de extrema importância em minha vida pessoal e acadêmica.

Primeiramente, agradeço a **Deus**, que não me deixou desistir um minuto se quer e que sempre amparou e esteve comigo, nos momentos bons e nos difíceis, só ele sabe o quanto esta caminhada foi difícil para mim. Agradeço também por sempre olhar por mim, nas idas e vindas da Universidade, que não deixa de ser perigoso. Agradeço aos meus pais, **Nilton** e **Claudete**, sem eles, eu não seria nada, são os maiores responsáveis pela minha educação, meu caráter e por quem sou hoje. Se hoje estou finalizando esta jornada na Universidade, é totalmente graças à eles, que sempre fizeram por mim.

Ao meu melhor amigo, namorado, companheiro, esposo e futuro marido, **Júlio Vinicius**, que sempre me apoiou, consolou e nunca deixou de me amar. Não posso esquecer também dos meus irmãos, **Anderson** e **Lucas**, que em um dos momentos mais difíceis da minha vida estiveram lá por mim, me aconselhando, conversando e não me deixando desistir. **Madiciane** e **Veridiana**, minhas cunhadas do coração, que estão sempre comigo.

À irmã e melhor amiga que a universidade poderia me dar, **Alexandra**, com quem pude compartilhar e aprender sobre a vida pessoal e profissional, mesmo com brigas, chateações, mas muito amor. **Aldir**, **Aldenora**, **Benedito** e **Claudionires**, meus avós maternos e paternos (*in memoriam*), serei sempre grato por cada ensinamento que deram aos meus pais e que repassaram para mim, infelizmente o

tempo os levou e eles não poderão estar fisicamente compartilhando da alegria da formatura comigo, sempre os amarei.

À minha equipe da assessoria de comunicação do PROCON Maranhão, local onde trabalho atualmente, **Ana Beatriz, Renata, Wanda, Luyana, Elilton, Leonilson, Cauã** e **Davi** que compartilham os dias comigo, trabalhando, rindo, chorando, brigando, mas sempre entregando nosso trabalho com muita qualidade. À **Izabella**, que não faz mais parte da equipe, mas que muito me ensinou durante esses três anos de convivência.

Agradeço aos professores do curso de Jornalismo da UFMA, em especial **Li-Chang Shuen, Marcio Carneiro, Jovelina** e **Letícia Cardoso**, esta última, minha orientadora, pelos ensinamentos e paciência que tiveram durante minha jornada na universidade, que foram mais de 6 anos.

Ao meu antigo chefe, **Duarte Junior**, e a minha nova chefe, **Karen Barros**, que me permitiram e confiaram em mim para coordenar uma equipe de comunicação, serei sempre grato por este desafio.

Esta jornada, embora árdua, foi essencial para minha formação e deixará uma marca permanente em minha vida.

Agradeço imensamente a todos.

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de avaliar a visibilidade do Bumba meu boi sotaque Costa de Mão no contexto do jornalismo maranhense, investigando os fatores que contribuem para sua marginalização midiática e cultural. A pesquisa utilizou a metodologia de entrevista e análise de conteúdo, para examinar reportagens. Os resultados indicaram que a falta de incentivo governamental, a priorização de outros sotaques e o desconhecimento pela mídia e a ausência de políticas públicas eficazes têm contribuído para o apagamento do Bumba meu boi Costa de Mão. Identificou-se que a falta de representatividade desse sotaque nos principais arraiais impacta na sua sobrevivência e reconhecimento social. Concluiu-se que estratégias de preservação, aliadas a uma maior valorização midiática, são fundamentais para garantir a permanência dessa manifestação cultural.

Palavras-chave: Cultura Maranhense; Mediação; Bumba meu boi; Costa de Mão.

ABSTRACT

The present study aims to assess the visibility of the Bumba meu boi sotaque Costa de Mão within the context of Maranhão journalism, investigating the factors that contribute to its media and cultural marginalization. The research used interviews and content analysis to examine news reports. The results indicated that the lack of governmental support, the prioritization of other accents, media ignorance, and the absence of effective public policies have contributed to the erasure of Bumba meu boi Costa de Mão. It was found that the lack of representation of this accent in the main arraiais affects its survival and social recognition. The study concluded that preservation strategies, combined with greater media recognition, are crucial to ensuring the continuity of this cultural manifestation.

Keywords: Maranhão's Culture; Mediation; Bumba meu boi; Costa de Mão.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Sotaque Costa de Mão.....	26
Figura 2 — Bumba Meu Boi de Umbelino e representantes do projeto Caminhos da Boiada.....	27
Figura 3: Entrevista com o Mestre Eliezer.....	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
3. CULTURA E CULTURA POPULAR NO MARANHÃO	
3.1 Bumba Meu Boi no Maranhão e representação popular	
3.2 Os sotaques: diferentes formas de brincar e de poder	
3.2.1 Sotaques	
4. MEDIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO: CHAVES PARA ENTENDER OS CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS	
4.1 Mídia e mediação	
4.2 Representação	
4.3 Discurso jornalístico	
5. O SOTAQUE COSTA-DE-MÃO: INVISIBILIDADE E RESISTÊNCIA	
5.1 Bumba meu boi Costa de Mão: o porquê da falta de prestígio?	
5.2 Uma visão interna do Bumba meu boi Costa de Mão: Entrevista com Mestre Eliezer	35
6. ANÁLISE DE CONTEÚDO: BUMBA MEU BOI COSTA DE MÃO E ABORDAGEM NA MÍDIA	
6.1 Categorização e codificação de dados	
6.2 Interpretação dos dados	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	
ANEXO A — Reportagem “Bois de sotaque costa de mão lutam para não serem extintos no Maranhão”	
ANEXO B — Reportagem “Integrantes de bois de costa de mão pedem mais visibilidade e atenção para o sotaque no MA; entenda o caso”	
ANEXO C — Roteiro da entrevista com os Mestres do Bumba Meu Boi sotaque Costa de Mão	
ANEXO D — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	

1. INTRODUÇÃO

Uma das características do homem que vem sendo aprimorada desde os princípios da humanidade é a capacidade de desenvolver maneiras de se comunicar de modo a estabelecer um vínculo com outro para poder transferir conhecimentos já adquiridos. Dentro desse contexto pode-se incluir como exemplo a fala, a dança, a pintura, a música e a escrita como formas de linguagem fundamentais para que a humanidade pudesse se construir como a percebemos atualmente. “Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos por meio de imagens, gráficos, setas, números, luzes. Por meio de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar”. (SANTAELLA, 1983, p.10).

Cuche (1999) diz que “o homem é essencialmente um ser de cultura” (CUCHE, 1999, p. 9). Ao observar a dança como uma forma de linguagem capaz de transmitir expressões culturais, retoma-se às práticas de comemorações festivas permeadas de rituais e tradições populares celebradas pelo homem ao redor do mundo.

Quando analisamos manifestações culturais no contexto do Brasil, é válido perceber que há uma diversidade cultural ampla. Dentre tais manifestações encontra-se o Bumba Meu Boi, que consiste em uma expressão cultural que embora seja apreciada, de modos distintos, em diferentes partes do Brasil, no Estado do Maranhão é bastante famosa a forma como é representado. Como Ferretti apresenta, “o boi é a maior festividade da cultura popular local e atrai grande número de participantes, envolvendo suas vidas durante boa parte do ano” (2011, p. 19).

Sendo considerado desde 2011 Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), na última década, diferentes estudos vêm sendo publicados sobre o Bumba Meu Boi do Maranhão, desde aqueles de cunho acadêmico até os que demonstram caráter intuitivo. Sendo assim, por se tratar de uma manifestação cultural baseada na oralidade, é difícil precisar a origem de tal celebração, porém suas primeiras referências datam do século XIX, no ano de 1829, quando o gado era de suma importância para a economia local (PINHO, 2012).

Os primeiros registros oficiais do Bumba Meu Boi no Maranhão mostram que o folguedo tinha a predominância da população negra, o que gerou descontentamento na sociedade elitista da época. Em alguns períodos, a manifestação cultural chegou

a ser proibida e os responsáveis pelos grupos de Bumba Meu Boi tinham que pedir, por requerimento, a autorização policial para que pudessem ensaiar e realizar apresentações (SILVA FILHO e PONTES, 2021).

A história do Bumba Meu Boi do Maranhão narra a relação entre as três etnias que compõem a miscigenação dos maranhenses: o indígena, o negro e o branco. No contexto da manifestação cultural, essas três etnias se apresentavam de modo que a narrativa transpassava não somente a ideia de trabalho, como também diferentes formas de exploração e violência em relação às culturas consideradas subalternas, nesse caso a do negro e a do indígena. Assim, pode-se dizer que a expressão cultural apresenta resumidamente, através de seus personagens, a representação da vida rural que remete ao período que se entende como início da história do Bumba Meu Boi, o ciclo do gado no Nordeste brasileiro, como fora supracitado (SILVA FILHO e PONTES, 2021).

Atualmente a “brincadeira” de Bumba Meu Boi, como é chamado pelos maranhenses, contém cinco diferentes sotaques convencionados que se baseiam na origem regional, especificidades de ritmos, indumentárias, passos e evolução da dança, são eles: Zabumba, Matraca, Baixada, Orquestra e Costa de Mão (IPHAN, 2011). Este último consiste no objeto de estudo da presente pesquisa.

Recentemente, brincantes, simpatizantes e dirigentes de grupos menores de Bumba Meu Boi têm reclamado de um suposto privilégio a outros grupos. Nas programações oficiais dos arraiais organizados pelo poder público, é possível perceber que bois dos sotaques de orquestra e de matraca têm presença maior em relação a bois de outros sotaques. Observa-se isso na programação do Governo do Estado do Maranhão em São Luís de 2024, onde o sotaque Costa de Mão teve apenas cinco apresentações durante os dois meses de festa (PROGRAMAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO, 2024). Uma das explicações pode ser a grande quantidade de grupos que os outros sotaques têm hoje. Entre os sotaques que menos têm aparecido nos arraiais está o sotaque de Costa de mão.

Neste sentido, de início, é necessário buscar entender os motivos que fazem com que exista um difícil acesso dos grupos de boi do sotaque Costa de Mão no que diz respeito às apresentações nos arraiais oficiais na capital Maranhense. Em São Luís, persistem poucos grupos desse sotaque, sendo registrados, ainda hoje, apenas três no município, num universo de 450 grupos de todos os sotaques distribuídos pelo Estado (IPHAN, 2011).

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo entender a cobertura jornalística (ou a falta dela) no que diz respeito ao Sotaque Costa de Mão, contando sua história e tradições, abordando o seu apagamento dentre os demais sotaques da manifestação, tendo em vista entender o jornalismo como espaço de mediação relevante que pode contribuir para o reconhecimento e valorização dessa prática cultural, que está em vias de apagamento na capital São Luís.

Para desenvolver o estudo, serão aplicados os estudos culturais, com autores como Santaella (1983), Cuche (1999) e Ferretti (2011), que debatem a relevância da cultura e das manifestações populares como métodos de comunicação e expressão humana e as categorias teóricas de cultura, mediação e representação. Quanto aos procedimentos metodológicos, foi utilizada principalmente a análise de conteúdo, aplicada a reportagens do Grupo Mirante, seguindo as fases propostas por Bardin (1977), junto a pesquisa bibliográfica realizada com base em autores como Gil (2009) e Thompson (2009). A entrevista semiestruturada foi escolhida como técnica para coletar dados diretamente dos participantes dos grupos, permitindo uma compreensão mais profunda da realidade do sotaque Costa de Mão. Essa entrevista foi realizada com o Mestre Eliezer, diretor de um dos grupos de Bumba Meu Boi Costa de Mão, onde foram realizados questionamentos acerca da história, dificuldades passadas pelo grupo e as estratégias utilizadas para resistir à baixa visibilidade do sotaque.

Desse modo, o trabalho consiste em seis capítulos, incluindo esta introdução. No segundo capítulo, serão abordados os procedimentos metodológicos, acima explicados. No terceiro capítulo, os tópicos discutidos serão os conceitos de cultura e cultura popular, utilizando autores como Cuche (1999), Geertz (1989) e Santos (2003), como também aborda a história do Bumba Meu Boi no Maranhão através de Ferretti (2011) e do IPHAN (2011). O quarto capítulo trabalhará a atuação da mídia na construção de sentidos sobre o Bumba Meu Boi Costa de Mão, tendo como fonte autores como Silverstone (2002), Stuart Hall (2016), Benetti (2007) e Felippi (1999). O quinto capítulo além de analisar a invisibilidade do sotaque Costa de Mão no cenário midiático e cultural, através de entrevistas com os brincantes, também discute a relação entre mídia, poder e cultura com o auxílio de Silverstone (2002) e Bordieu (1996). Por fim, o sexto capítulo se prende à análise de conteúdo das duas reportagens sobre o sotaque Costa de Mão, que foram veiculadas pelo grupo Mirante.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em face de um tema que aborda um possível apagamento de um sotaque pertencente a um dos folguedos mais importantes para a identidade maranhense, principalmente no âmbito cultural e social, foi utilizada a análise de conteúdo aliada e a pesquisa bibliográfica. Visto a falta de suportes que abarcasse as informações necessárias, realizou-se uma investigação em meio a documentos para obter material jornalístico, fotografias, narrativas e outros materiais que trouxesse para o estudo riqueza em informações acerca da situação em que se encontra o Bumba Meu Boi de Sotaque Costa de Mão e a memória cultural do passado.

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de livros ou artigos, indispensáveis para contextualizar o estudo, principalmente no campo das ideias e conceitos citados (GIL, 2009). Vale ressaltar que, dentro desta investigação, esse foi um processo árduo, que requereu um grande esforço investigativo, devido a baixa quantidade de materiais sobre o tema ou sobre a abordagem utilizada. Ainda se justifica o uso da pesquisa bibliográfica, pois ela é ideal para momentos assim, quando “o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2009, p.27).

Ainda em relação às fontes, por conta da problemática da pesquisa e pela quantidade reduzida de fontes, foi necessário ouvir os fazedores de cultura e tentar descobrir o que pode estar levando o sotaque Costa de Mão a um possível apagamento. Nesse caso, as entrevistas serão valiosas, pois a oralidade, neste quesito, é importante para o objeto de pesquisa que lida com a cultura popular e tratar com quem vivencia essa história é um caminho válido para se trilhar. Aliás, a história oral é uma forma de pesquisa que busca ouvir e registrar as vozes daqueles que são “excluídos” da história real e inseri-los na mesma (THOMPSON, 2009).

Dito isso, optou-se pela técnica da entrevista, já que ela é uma forma de interação social no qual o entrevistador busca obter informações do entrevistado por meio de um conjunto de questões organizadas em torno de um tema central (HAGUETTE, 1995). Para este trabalho, em específico, foi escolhida a entrevista semiestruturada, pois esse formato oferece ao participante a oportunidade de relatar suas experiências com mais flexibilidade, sem perder de vista o foco estabelecido pelo pesquisador. Quanto ao roteiro de perguntas, a sua construção considerou o embasamento teórico da pesquisa e os dados previamente levantados sobre o

fenômeno estudado, garantindo uma abordagem consistente e alinhada aos objetivos do estudo (TRIVIÑOS, 1987). O entrevistado foi o Mestre Eliezer, um dos grandes representantes do sotaque no Maranhão, além de ele ter sido o único entre os mestres a se disponibilizar para esse momento. Houve a tentativa de contato também com o Mestre Umbelino, de forma direta e através de parentes, entretanto não houve retorno, tornando a fonte de informações limitadas apenas ao Mestre Eliezer.

Em relação à análise de conteúdo, foi realizado um levantamento de matérias de TV e jornal do Grupo Mirante sobre o sotaque Costa de Mão, visto que o grupo disponibiliza grande parte do seu conteúdo online, o que facilita a coleta e categorização das matérias, no período de junho e julho de 2024, para ser possível ter parâmetros qualitativos em relação à visibilidade dada aos grupos do respectivo sotaque. A coleta foi realizada pelo buscador Google no recorte temporal que compreende o período de junho a julho de 2024. Neste recorte de tempo foram levantadas uma matéria e um uma reportagem que abordaram especificamente a temática do sotaque sendo assim, o *corpus* foi composto pela reportagem (Anexo 1) — “Bois de sotaque costa de mão lutam para não serem extintos no Maranhão”, veiculada no JMTV 1ª Edição, e disponibilizada no *Globoplay* no dia 24 de junho de 2024; e pela matéria (Anexo 2) — “Integrantes de bois de costa de mão pedem mais visibilidade e atenção para o sotaque no MA” — publicada no portal G1 no dia 02 de julho de 2024.

O método da AC foi escolhido, pois é uma ferramenta científica completa no caso de estudo dos fenômenos comunicacionais, que tem como início a observação na pesquisa empírica com o propósito de representar fenômenos através da caracterização e destaque das variáveis que os constitui (DENCKER e DA VIÁ, 2001, p.57-58).

Quando utilizada no contexto do jornalismo, a análise de conteúdo pode abarcar diversos conteúdos, como descritivos ou exploratórios, como também estudos mais direcionados que visam entender o propósito dos emissores e os sentidos do texto. Posto que ela pode ser definida como

uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada. Este contexto pode ser temporariamente, ou em princípio, inacessível ao pesquisador. A AC muitas vezes implica em um tratamento estatístico das unidades de texto. Maneira objetivada refere-se aos procedimentos sistemáticos, metodicamente explícitos e replicáveis: não sugere uma leitura válida singular dos textos. Pelo contrário, a

codificação irreversível de um texto o transforma. A fim de criar nova informação desse texto. [...] A validade da AC deve ser julgada não contra uma 'leitura verdadeira' do texto, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador, e à luz de seu objetivo de pesquisa. Um corpus de texto oferece diferentes leituras, dependendo dos vieses que ele contém (BAUER, 2008, p. 191).

Essa inferência de sentidos pode ser obtida por meio do acompanhamento rigoroso das fases da análise de conteúdo, que se apresentam em três momentos: a pré-análise, a análise e tratamento dos resultados (BARDIN, 1977). Apesar de existirem essas fases, o processo de investigação não é restringido às divisas entre elas e durante o processo de investigação pode-se retornar ou avançar para as outras fases de acordo com a necessidade. Fonseca (2006) em seus estudos mostra um resumo das fases que consistem em:

(1) Pré-análise: consiste no planejamento do trabalho a ser elaborado, procurando sistematizar as ideias iniciais com o desenvolvimento de operações sucessivas, contempladas num plano de análise. (2) Exploração do material: refere-se à análise propriamente dita, envolvendo operações de codificação em função de regras previamente formuladas. [...] (3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. (FONSECA, 2006, p.290)

Desse modo, pode-se dizer que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que emprega procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (Bardin, 1977). É isso que pretendemos realizar de modo a tornar possível a apreensão de sentidos nas reportagens escolhidas como material empírico.

3. CULTURA E CULTURA POPULAR NO MARANHÃO

Antes de iniciar as discussões acerca do que se entende como cultura, é imprescindível recorrer às ponderações de Denys Cuche (1999, p. 9) quando o autor explica que “a noção de cultura é inerente às reflexões das ciências sociais. Ela é necessária de certa maneira para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos”.

Cultura é um termo bastante explorado pela antropologia, tendo seu sentido bem mais amplo, e corresponde a um conjunto de hábitos, crenças e conhecimentos de um povo ou de um grupo que cultiva, de certo modo, um padrão estético igual. Porém, mais do que uma característica essencial de uma sociedade, a cultura pode ser considerada o elemento principal que difere uma nação da outra. É um comportamento aprendido e parte essencial de todo e qualquer processo de transformação social do indivíduo, fornecendo um vínculo aos homens entre o que eles são capazes de se tornar e o que cada um efetivamente se torna.

Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significação criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas (...) Assim como a cultura nos modelou como espécie única — e sem dúvida ainda nos está modelando — assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum — nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido. (GEERTZ, 1989, p 64).

Devido a uma possibilidade de maior contato entre nações e países, que por sua vez possuem diferentes maneiras de viver a vida, a atenção e a pesquisa sobre a cultura humana teve seus primórdios no século XIX. O objetivo é entender essas duas sociedades modernas e industriais, bem como aqueles que desapareceram ou perderam o seu carácter original em consequência desses contatos.

Assim, pode-se entender a cultura como uma forma legítima e específica da existência humana no mundo. Sendo esta uma característica intrínseca do indivíduo desde os primórdios da humanidade, ou seja, um processo histórico contínuo e inevitável no qual as pessoas representam tanto o sujeito da produção quanto o objeto produzido. Em suma, como dito na introdução deste trabalho, os homens são de natureza cultural.

Quando visamos compreender a palavra cultura, é fácil se deparar com vários conceitos. Para Arantes (2004), cultura pode ser entendida como uma

representação de todas as normas e práticas simbólicas que constituem a sociedade humana. Para Cucho (1999, p.10) “a cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem”. Deste modo, infere-se que a cultura é composta de sistemas de símbolos que tem como finalidade expressar significado.

A conceituação de Santos (2003, p.5) aborda uma dimensão mais extensa da temática, nesta entende-se a cultura como

(...) a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas.

Assim, pode-se dizer que

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência (...) (SANTOS, 2003, p.8).

Ainda falando sobre o conceito de cultura, tem-se ainda a cultura popular. Ao se mencionar a cultura popular, as pessoas rememoram imediatamente representações criadas e preservadas por comunidades ou costumes associados ao passado. Tal pensamento não pode ser considerado de todo incorreto, visto que, quando a cultura popular foi considerada pela primeira vez como objeto de estudo no século XVI, ela era vista de uma perspectiva reformista e normativa. Ou seja, as ações populares eram vistas apenas como badernas que se distanciavam da chamada cultura erudita, aquela mantida pela elite medieval (BARROS, 2011).

Essa diferenciação cultural entre o que era considerado cultura das massas e cultura da elite se intensificou ainda com o surgimento do Romantismo, pois deste movimento emergiu a burguesia, uma modalidade de nova elite da sociedade. Juntamente a esse processo, houve a ascensão tanto da Igreja Católica e da Igreja protestante, fazendo assim com que as manifestações populares perdessem ainda mais força de contribuição do que seria considerado a cultura da época. Tal movimento obrigou conseqüentemente as classes populares a produzirem o que seria a sua própria cultura, mesmo que tenha sido produzida sem o conhecimento e sob a influência da perseguição eclesiástica e estatal. Isso porque

[...] as manifestações populares são reprimidas de um lado pelas Igrejas Católica e Protestante com base na implementação de uma política de submissão das almas baseada na doutrina oficial da teologia e, de outro, pela criação do Estado, que passa a administrar a unificação da educação, dos impostos, da segurança e da língua (MARQUES, 1996, p. 152).

Ainda no contexto descrito acima, porém no Brasil, o folclore baseou-se na busca pela identidade nacional, pois o país ainda era considerado uma colônia portuguesa e carregava valores europeus. Os casamentos mistos, entre negros (pessoas escravizadas vindas da África), indígenas e brancos, levaram à criação do que hoje pode ser entendido como cultura popular brasileira e tal processo conseguiu se firmar ao longo do tempo. Sob o olhar desta perspectiva,

A cultura popular envolve práticas consideradas “não-cultas”, provenientes de uma classe de “populares”, que não se enquadram no modo de vida refinado, civilizado e eficiente do conhecimento proporcionado por escolas e academias (BARROS, 2011, p. 22).

Em busca de uma definição precisa para o que seria a cultura popular, nas últimas décadas, precisamente desde a década de 1980, há uma discussão bastante consistente no que diz respeito à cultura popular e o termo folclore. Isto porque ambos os termos são tratados como sinônimos pelo senso comum. Portanto, alguns autores buscaram entender como funciona a dinâmica entre os dois termos. Para Brandão (1982)

O folclore vive da coletivização anônima do que se cria, conhece e reproduz, ainda que durante algum tempo os autores possam ser conhecidos [...] Mas justamente porque foram aceitas, coletivizadas, com o tempo a memória oral, que é o caminho por onde flui o saber do folclore, esqueceu autorias, modificou elementos de origens e retraduziu tudo como um conhecimento coletivo, popular (BRANDÃO, 1982, p.34).

O autor Renato Ortiz (1985, p.70) que também desenvolveu estudos sobre a cultura popular brasileira e dentro de tal contexto, constatou que a mesma estaria diretamente ligada a uma valorização da tradição e do passado. Ortiz (1985, p.70) reitera em seus estudos que esta é uma lógica que a cultura popular é um elemento que deve permanecer inalterado. Apesar disso, Ortiz é um grande partidário da liberdade da cultura popular, defendendo a mudança nela, logo, para o autor esta é por si só uma concepção não somente reducionista como também elitista, pois esta é uma forma de separar a cultura erudita e a popular.

Assim, torna-se necessário ter um olhar mais acurado no que é relativo às reconfigurações contemporâneas do popular. Segundo Canclini (2011, p. 206) há uma demanda inevitável de “examinar como se reformulam hoje, ao lado do

tradicional, outros traços que tinham sido identificados de maneira inevitável com o popular: seu caráter local, sua associação com o nacional e o subalterno”. Saber como a mídia maranhense pode contribuir para a visibilidade do sotaque Costa de Mão, para que saia dessa situação de apagamento

Contribuindo com tal discussão no que diz respeito à relação entre “tradição” e “passado”, Thompson (2009, p. 165) expõe que a tradição está associada à formação da identidade, porque “conjuntos de pressuposições, crenças e padrões de comportamento trazidos do passado que fornecem material simbólico para a formação da identidade tanto a nível individual quanto coletivo”. Isto significa que a tradição pode adquirir uma nova roupagem com o passar do tempo, já que a cultura também é mutável. Para o autor, apesar das mudanças que acontecem com o tempo, a tradição existe porque expressões folclóricas podem ser criadas hoje e ainda serem consideradas tradicionais se conseguirem reter elementos e simbolismos de sua identidade pessoal e coletiva.

Sendo assim, é importante ressaltar que cada lugar ou grupo possui suas próprias simbologias e elementos. A expressão da cultura popular está presente em diversas formas, seja no artesanato, na construção de embarcações típicas, nas danças, nas festas, na culinária, na música e nas tradições orais, como o Bumba Meu Boi, dentre outras. Tal cultura possui simbolismos onde é possível encontrar uma verdadeira mistura de ritmos, talentos, cores, texturas e sabores, que também trazem um grande potencial para o turismo cultural, histórico e rural do estado. Sendo cada um desses elementos parte de uma tradição constituída e passada de geração para geração com a participação popular.

Portanto, a partir do que foi exposto até aqui é possível afirmar que o patrimônio cultural de uma sociedade é tudo aquilo produzido por um povo e que remete à sua identidade, considerando que

A cultura é tudo aquilo que é criado pelo homem, e aquilo que embora não seja fruto de sua criação são valorados como bens culturais. Assim, o patrimônio cultural constitui-se do reconhecimento e preservação da cultura, história e identidade de um povo. (DUTRA, 2014, p. 01).

No que concerne explorar ainda mais sobre a cultura popular do Maranhão, é importante deixar destacar a diversidade de ritmos e festas presentes na sociedade, o que desperta o interesse da população. As comemorações características do estado vão desde o Carnaval, a Festa do Divino e o São João. Contudo, para se

ater ao que visa entender o presente estudo, as discussões vão se referir ao Bumba Meu Boi como manifestação cultural, em especial o sotaque Costa de mão que é tema do subcapítulo a seguir.

3.1 Bumba Meu Boi no Maranhão e representação popular

Tendo em vista as questões teóricas sobre cultura apresentadas acima, é válido considerar o Bumba Meu Boi como um fenômeno cultural capaz de comunicar através de suas particularidades. Logo, isso significa percebê-lo, não exclusivamente, mas principalmente, a partir de três pilares: produção, circulação e consumo no contexto da cultura maranhense (CARDOSO, 2016).

Isto posto, como fora dito anteriormente, o objeto de estudo do presente trabalho é o Bumba Meu Boi de sotaque de Costa de Mão. Contudo, antes de mergulhar no contexto histórico deste sotaque especificamente, é importante conhecer a trajetória do próprio Bumba Meu Boi antes de tudo como manifestação cultural no estado do Maranhão. Entender suas origens, suas características, ritmos, danças e demais sotaques que compõem juntos essa parte tão representativa da cultura maranhense. Isso porque “o Boi do Maranhão possui sotaques ou estilos que variam com a região de origem, os instrumentos principais e a indumentária ou fantasia” (FERRETTI In: LEITÃO 2022, p.74).

Muito embora não seja uma tarefa simples determinar a gênese das manifestações do Bumba Meu Boi no Brasil e posteriormente no Maranhão, desde as décadas de 1930 a 1950 muitos estudiosos se dedicaram a compreender a origem deste folguedo. Neste contexto, Câmara Cascudo¹ defendia que o Bumba Meu Boi consiste em uma mistura de elementos que mesclam a cultura portuguesa (aqui representada pelo homem branco) e o indígena (IPHAN, 2011).

Tal busca sobre a origem do Bumba Meu Boi tornou-se ainda mais interessante quando os estudiosos começaram a demonstrar interesse em conhecer os elementos étnicos-raciais presentes no folguedo. Tal dimensão estendeu-se ainda para compreensão dos personagens como Pai Francisco, Mãe Catirina, o fazendeiro, indígenas, o boi entre outros.

¹ Folclorista que escreveu a obra: *Literatura Oral do Brasil*, publicada em 1952, na qual dedicou um capítulo para falar de manifestações e danças brasileiras onde o Bumba meu boi está incluído.

Na concepção de Arthur Ramos (1988), o Bumba Meu Boi tem origem a partir da etnia Bantu, cujo costume era realizar festas totêmicas e relacionar essa tradição cultural com as festas para o boi no Brasil. Costume esse reproduzido por escravos Bantus traficados para a colônia portuguesa na América e que já praticavam o totemismo no continente africano (IPHAN, 2011, p.16).

Para o folclorista Renato Almeida (1968, in CARDOSO, 2016) o Bumba Meu Boi é legitimamente brasileiro e carrega consigo fortes influências do povo negro para sua formação. O autor acredita que tal manifestação era considerada um canal para que as classes mais desfavorecidas pudessem expressar seu descontentamento a respeito das injustiças sociais, por meio das toadas, um exemplo é a Palmeira de Babaçu, toada do Bumba Meu Boi de Maracanã que versa

Cheguei com meu touro brasileiro, balançando no terreiro este lindo batalhão.

Pra mostrar que também contribuímos pra riqueza do folclore do Maranhão. É uma tarefa que cabe a nós, conservar o tesouro que aqui nos deixou nossos avós (MARACANÃ, s.d)

Há também a vertente de estudos que afirma que a trajetória do Bumba Meu Boi do Maranhão conta a história da relação entre as três raças que compõem o povo maranhense: o indígena, o preto e o branco.

De acordo com Coelho e Alencar (2015, p.86), os primeiros registros datam do final do século XVIII e início do século XIX, inseridos por negros africanos e indígenas que sofriam repressão da sociedade elitista, que os acusava de causar desordem pública. Além disso, segundo arquivos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, o Bumba Meu Boi é citado em jornais e ocorrências policiais desde a década de 20.

No Estado nordestino é citado em jornais e ocorrências policiais datadas da década de 20 à década de 90 daquele século. Em sequência cronológica, o Bumba meu boi tem seu primeiro registro publicado em pequena nota no jornal “Farol Maranhense”, no Maranhão, em 1829. (IPHAN, 2011, p. 18).

Para Ferreira (2006), o Bumba Meu Boi “[...] nasceu no Nordeste, porque as mais remotas notícias dele vêm através do jornal: “O carapuceiro”, editado no Recife, no ano de 1840, pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama”. Porém, é uma hipótese que ainda gera muitas discussões. As diversas tentativas de explicar as variadas tentativas de explicar o surgimento dessa manifestação cultural acaba

sendo fonte de inesgotáveis opções que engrandecem as discussões dessa manifestação da cultura popular brasileira.

Apesar de haver uma variedade de teorias para demonstrar a origem do Bumba Meu Boi, não é possível saber com precisão de onde este se originou como forma de manifestação cultural. Portanto, consideraremos neste trabalho como denominação principal a que foi abordada pelo escritor e jornalista Américo de Azevedo Neto que no ano de 1983 lançou seu livro “Bumba Meu Boi no Maranhão” e foi pioneiro no que se refere às discussões sobre os tipos de Bumba Meu Boi no Maranhão. O autor diz que:

O Bumba Meu Boi é uma dança dramática com acentuadas características dos autos medievais: é simples, emocional, direta e de linguagem natural. Com um enredo universal e intemporal, tem caráter essencialmente alegórico, faz personagens reais contracenarem com símbolos, ideias ou lendas. A forma mais utilizada é a comédia satírica. Considerando, no entanto, a estrutura dramática de algumas personagens, os incidentes cômicos que contém, a gravidade dos assuntos abordados e o desenlace quase sempre alegre, seria mais correto dizer tragicomédia. De conteúdo realista, apresenta, através de seus diálogos [e toadas], situações verdadeiras, embora eminentemente fantasista e pegorica na elaboração de suas personagens (AZEVEDO NETO, 1983, p. 65, *apud* CARDOSO, 2016, p. 47)

É possível encontrar diversos registros de brincadeiras de boi em todos os lugares do Brasil, cada um do seu jeito e com as especificidades que dão conformidade diferente, como os enredos, que variam conforme o local situado, porém, com a mesma finalidade de ser uma expressão cultural.

[...] Boi-bumbá, Boi Surubi, Boi Calemba, Boi-de-mamão, Boi Pintadinho, Boi Maiadinho, Boizinho, Boi Barroso, Boi Canário, Boi Jaraguá, Boi de Canastra, Boi de Fita, Boi Humaitá, Boi de Reis, Reis de Boi, Boi Araçá, Boi Pitanga, Boi Espaço e Boi de Jacá são algumas das terminologias que a brincadeira do boi, com suas diferenças e similitudes, recebe nos mais diferentes estados do Brasil. (IPHAN, 2011, p. 17)

Muito embora atualmente o Bumba Meu Boi seja visto como uma dança que expressa uma manifestação cultural, ao longo de mais de dois séculos, o Bumba meu boi passou por várias fases e adaptações. Foi alvo de preconceito durante décadas, por ser considerado símbolo de “arruaceiros”. Como as festas de Bumba meu boi eram realizadas predominantemente por negros, em determinados períodos a brincadeira chegou a ser proibida, só permitida mediante autorização prévia da polícia.

De acordo com Maria Michol Pinho de Carvalho² ao Folha de São Paulo em 1998, “pelo fato de os negros estarem numa posição de dominados na estrutura social, a festa do Bumba meu boi sofria preconceitos, sendo considerado uma brincadeira ruidosa e anarquista”³. Reitera-se ainda que nas primeiras décadas do século XX, a proibição não se limitava ao Bumba meu boi, se estendendo também para outras manifestações culturais e religiosas que tinham predominância dos negros e população mais pobre.

Na década de 1930 os pedidos de licença para a realização de festas populares e religiosas passaram a ser publicados na imprensa, na coluna de casos policiais, pedidos de licença para a realização de festas, como por exemplo, em O Imparcial de 05 de janeiro de 1932, informando que “Noemi Cardoso (Fragoso) obteve permissão da polícia para tocar tambor de mina no Cutim Grande durante este mês”; no dia 06 de janeiro de 1932, que (Nhá) “Alice Cruz, residente no Caminho do Sacavém, obteve licença para tocar tambor de mina durante este mês”; “José de Ribamar Gomes obteve licença para tocar tambor de mina no Piranhenga” (FERRETTI, 2007, p.7).

Segundo Ferretti (2007), as restrições continuaram nos anos seguintes, indo pelo menos até o fim da década de 50. Entre os registros encontrados, destaca-se algumas portarias publicadas pelo Chefe de Polícia do Estado na época, Flávio Bezerra, no Diário Oficial, no início dos anos 40 que, entre outras medidas relacionadas com o controle da venda de bebidas alcoólicas e do trânsito, resolvia:

Proibir que os boi-bumbá percorram o perímetro urbano da cidade, em demonstrações de suas danças características, o que só poderão fazer no perímetro suburbano, a partir da esquina da Avenida Getúlio Vargas, com a rua Senador João Pedro, para o lado do Anil; Proibir os bailes ao ar livre ou sob as árvores do largo do João Paulo. (FERRETTI, 2007, p.7).

Apesar das proibições do passado, atualmente o Bumba Meu Boi é a expressão cultural de maior apelo popular do Maranhão. Acontecendo sempre nos meses de junho e julho e é uma tradição que se mantém viva ao passar dos anos, sendo passada de geração a geração, encantando quem não conhece e ainda mais quem já aprecia. A influência e o simbolismo do Bumba Meu Boi como expressão na cultura maranhense se refletem, dentre outras coisas, no fato de abranger boa parte

² Maria Michol Pinho de Carvalho foi uma pesquisadora que se dedicou a estudar a cultura popular maranhense. Além disso, no ano de 1998 ocupava o cargo de Diretora do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho (1996 a 2006).

³ DESCONHECIDO. Manifestação já foi proibida. Agência da Folha em São Luís, 08 jun. 1998, Caderno Ilustrada, versão online. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq08069844.htm> acesso em: 09 de jul. 2024.

do território do estado, de modo a fazer parte da identidade de diversas comunidades. Isso porque,

O Bumba meu boi é sem dúvida um dos folguedos populares mais característicos do Maranhão, com um elevado poder expressivo de comunicação. Auto dramatizado, com uma constante temática conhecida mas que se enriquece a cada ano de novos elementos, o bumba-meu boi tem um elevado poder de comunicação porque funciona, no plano sócio-psicológico, como uma espécie de revista do ano. As toadas celebram acontecimentos verificados no ano, marcando fatos e pessoas, numa identificação comum de anseios, num nivelamento social. (VIEIRA FILHO, 1997, p.9).

Conforme apresentado pelo IPHAN em seu Parecer Bumba Meu Boi (2011), em todo o estado há 450 grupos de Bumba Meu Boi. Porém, acredita-se que atualmente este número não seja o mesmo, isso porque o projeto “Caminhos da Boiada”⁴ que desde 2020 faz um mapeamento cultural dos grupos de Bumba Meu Boi da grande São Luís. Até o momento, o projeto já contabilizou 103 grupos apenas na Ilha de Upaon-Açu que compreende as cidades de São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar.

3.2 Os sotaques: diferentes formas de brincar e de poder

O Bumba Meu Boi está relacionado com música e dança, mas no meio dessa grande festa o maranhense não é só dançarino, ele é também um brincante. Os participantes dos grupos interpretam diversos personagens em suas apresentações, mas acima de tudo são “brincantes”. Em determinados sotaques, a participação do público é fundamental para um bom andamento da brincadeira.

Esta manifestação cultural está presente em todo o estado, porém com variações regionais denominadas de sotaques convencionados: Zabumba, Matraca, Baixada, Orquestra e Costa de Mão. O sotaque como terminologia para classificar cada estilo “aos poucos foi se legitimando como uma classificação válida tanto junto aos agentes governamentais como nos meios intelectuais e entre os praticantes do Bumba-meu-boi” (IPHAN, 2011, p. 100). A classificação de sotaques pode variar de acordo com peculiaridades como: indumentárias, melodia, ritmo, instrumentos, canto e forma de dançar.

Entretanto, é importante lembrar que uns sotaques são mais característicos de uma determinada região que outros, por exemplo:

⁴ Mais informações sobre o projeto estão disponíveis em: <https://caminhosdabojada.com.br/>.

Na Baixada Ocidental Maranhense, ao ritmo de grandes tambores denominados de “marcações”, o Bumba-meu-boi ganha uma sonoridade distinta daquela que caracteriza os grupos do sotaque da Baixada sediados na Capital. Na região dos Cocais, no Leste do Estado, os grupos utilizam bombos octavados; no Baixo Parnaíba, usam palmas de madeira e búzios; no Médio Mearim há grupos que se autotomoclassificam como do sotaque de zabumba, mas que em nada lembram os grupos desse sotaque radicados em São Luís. Ali os maracás são substituídos por cujubas e as zabumbas, feitas de tonéis cobertos de couro, são tocadas com uma baqueta (IPHAN, 2011, p. 25).

Cada sotaque tem sua própria história, particularidades e simbologias que terminam por representar uma diferenciação com outros sotaques: instrumentos ou ritmos musicais, adereços, coreografias, personagens ou, mais amplamente, uma forma característica de comunicar tal expressão cultural para o público que sugere realização ou cumprimento de uma tradição específica. Sendo assim, participar de um sotaque demonstra, portanto, ter um repertório constituído de símbolos que estabelecem e determinam relações de identidade e diferenciação, como também a formação de alianças e/ou uma “rivalidade saudável” em um universo plural como o do Bumba Meu Boi maranhense. Pertencer a um sotaque representa também decidir entre diversas possibilidades de expressar por meio do Bumba Meu Boi diferentes mensagens que se concatenam em um conjunto que, em certa medida, pode ser considerado único.

3.2.1 Sotaques

Dá-se início a apresentação dos ritmos do Bumba Meu Boi do Maranhão com o sotaque Zabumba ou Guimarães, que tem origem na cidade de Guimarães e distingue-se pelos ritmos fortes dos instrumentos de percussão, dos quais a zabumba é o elemento que não só dá nome ao sotaque como também o principal diferencial em relação aos outros grupos de boi. No contexto das apresentações as zabumbas são tocadas e apoiadas com baquetas de madeira denominadas forquilhas.

Apesar de a Zabumba ser o instrumento de maior relevância, estes grupos também costumam usar pandeiros. Juntos, esses instrumentos formam um ritmo mais rápido que os demais instrumentos, responsáveis por passos pequenos e repetitivos no movimento corporal. Azevedo Neto (1997, *apud* IPHAN, 2011) comparou o ritmo dos grupos pertencentes a esse sotaque ao do samba. “Entre as personagens, destacam-se os rajados, vaqueiros campeadores e tapuias” (IPHAN,

2011, p. 104). Durante as apresentações feitas em formato circular, as vestimentas de cada personagem são facilmente identificáveis.

Têm-se também o sotaque nomeado de matraca, comumente encontrado na cidade de São Luís, por isso pode ser chamado também por sotaque da ilha, e uma das duas principais características é a presença de matracas, que além de dar nome ao sotaque, dão vida a um som estridente que com os pandeirões e o tambor-onça marcam o ritmo das apresentações.

No que diz respeito aos personagens pode-se encontrar o amo que normalmente se veste como roupas comuns e um colete bordado, as índias, caboclos de pena, que possuem uma indumentária mais elaborada com muitas penas. Há também os caboclos de fitas, que utilizam sobre uma veste de calça e camisa de mangas longas um saiote e uma gola que são bordados, além de um chapéu coberto de fitas, que vão da cabeça aos pés.

Este sotaque costuma reunir um grande número de participantes e admiradores, para participar de suas brincadeiras, principalmente no dia 30 de junho, onde se comemora o dia de São Marçal.

Suas toadas costumam ser mais lentas que as do sotaque de zabumba e os instrumentistas se posicionam em torno da brincadeira. O sotaque também possui um característico cortejo onde o boi é acompanhado pelos brincantes e pelo público à medida que passa pelos arraiais, podendo ser considerado como um “batalhão”.

Há também o sotaque da Baixada, que musicalmente falando, é representado por pandeirões de três tons e matracas de cordel. Possui ainda em seu corpo de brincantes os patrões ou amos, as índias, paramentadas de cocar, saiote, peitoral, braçadeira e caneleira, feitos com pena de ema em tom avermelhado; os índios, com colares de grandes contas cruzados no peitoral; cazumbá, figura mítica e lúdica; a burrinha e os vaqueiros.

Há também o sotaque mais novo de todos, o tipo orquestra é recheado de influências e o mais submetido às mudanças conforme as tendências, apesar dos outros também passarem por esse processo. Entretanto, pelo seu caráter dançante e música envolvente, se tornou um dos mais queridos, principalmente pelos turistas, que se encantam com a teatralidade e o brilho da brincadeira. Fazem parte da orquestra instrumentos como saxofone, matracas, pandeirões, trompetes, banjos, dentre outros, isso varia de acordo com o boi.

O Bumba Meu Boi de Orquestra também é muito atrativo para os jovens, sendo eles, grande parte do corpo do grupo, principalmente porque o sotaque reflete muito da música popular.

Têm-se, por último, o sotaque Costa de Mão ou Cururupu, que é a sua cidade de origem. Ele, por sua vez, aglutina uma grande quantidade de comunidades quilombolas em torno da brincadeira. Para manter o ritmo, penduram-se os pandeiros no pescoço e batem-se neles com as costas das mãos.



Figura 1: Sotaque Costa de Mão. Fonte: Portal G1.

Essa maneira de bater nos pandeiros é o que constitui o sotaque, mas outros instrumentos podem fazer parte para a marcação do ritmo, como o surdo ou a zabumba. Sobre a origem do sotaque, Ferreira (2013) afirma

O Sotaque de Costa de Mão ou Sotaque de Cururupu é oriundo da cidade de Cururupu. Surgiu pelas mãos dos escravos que certa vez queriam brincar bumba-boi e o dono da fazenda disse que eles poderiam, mas que isso não atrapalhasse o trabalho no dia seguinte e como eles estavam com as mãos calejadas do dia de trabalho o fazendeiro os desafiou a prosseguir a brincadeira, foi então que eles decidiram bater os pandeiros com a costa das mãos e assim surgiu esse sotaque. (FERREIRA, 2013, p. 5)

Apesar da história rica, esse sotaque que está a beira do esquecimento, sendo um dos sotaques com menos grupos no Maranhão. Isso se dá devido às tradições que os participantes possuem e a pouca representatividade que esse sotaque possui em números diante dos outros. Atualmente existem apenas três grupos na ilha: o Bumba Meu Boi de Eliezer, Bumba Meu Boi de Nizete e Bumba Meu Boi de Umbelino, este último visto na figura 2.



Figura 2: Bumba Meu Boi de Umbelino e representantes do projeto Caminhos da Boiada. Fonte: Caminhos da Boiada.

4. MEDIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO: CHAVES PARA ENTENDER OS CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS

O Bumba meu boi, sendo uma das principais representações da cultura maranhense, recebe grande destaque nos meios midiáticos quando se fala do estado do Maranhão. Grupos, personagens e histórias marcantes do folguedo são diariamente relatadas, divulgadas e, também, repetidas nos meios de comunicação, principalmente no período junino. Entretanto, existe uma diferença na presença dos diferentes sotaques na divulgação por parte da esfera midiática, sendo isso percebido inclusive na programação da maioria dos arraiais.

Em face disso, para ter suporte teórico que retrate essa hipótese, será abordado neste capítulo os conceitos de mídia e representação, além de ser relacionado a esses temas o Discurso no Jornalismo, apresentando brevemente como a mídia e a representação podem atuar na sociedade e gerar mudanças. Isso será realizado recorrendo-se a autores como Silverstone (2002), Stuart Hall (2016), Orlandi (2000) e Benetti (2007), que tecem comentários pertinentes sobre os temas.

De início será discorrido sobre mídia e mediação, explorando esses pontos para construir um aporte teórico. Em um segundo momento, ainda para elaborar conhecimento, será desenvolvida uma reflexão sobre a representação no imaginário popular. E na terceira etapa deste capítulo será traçado um raciocínio sobre o Discurso no Jornalismo.

4.1 Mídia e mediação

Para analisar o contexto da representação na mídia do Bumba Meu Boi, principalmente do sotaque Costa de Mão, é necessário compreender a ideia de mídia e como ela atua na construção de sentidos da sociedade. Assim, Silverstone (2002) apresenta a mídia como uma continuidade da sociedade, que oportuniza o entendimento dela.

Em relação ao papel da mídia na construção de significados, para o autor, ela não atua diretamente na elaboração deles, mas sim oferece para os indivíduos conceitos já existentes e por meio dessa interação é realizado o processo de construção (SILVERSTONE, 2002). Esse é um fenômeno político-econômico, que está ligado ao sujeito.

Além disso, é interessante ressaltar que a mídia possui como foco o cotidiano, espelhando as relações entre os indivíduos, com o compartilhamento dos códigos e

conceitos realizados pela sociedade em foco. É possível interpretar a mídia como mediadora dessas discussões, pois ela tem um grande poder de interferência na disseminação dos conteúdos e de seus sentidos (SILVERSTONE, 2002), possibilitando o direito dela determinar o que é relevante ou não na sociedade. Isso porque,

A mediação implica o movimento de significado de um texto para o outro, de um discurso para o outro, de um evento para o outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam de forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para a sua produção (SILVERSTONE, 2002, p. 33)

Isso pode ser observado no contexto do Bumba Meu Boi no Maranhão, onde a mídia pode contribuir na interpretação do receptor para a construção de conceitos sobre os sotaques, mais especificamente, levanta-se aqui a relação entre ela e a manutenção da sobrevivência do Bumba meu boi Costa de Mão, garantindo que ele continue sendo representativo e presente nas discussões da sociedade. A partir disso, entende-se que a mídia, por ser tratar de um processo de mediação, está presente em diferentes aspectos e esferas da vida cotidiana, logo, no contexto das manifestações culturais não seria diferente.

4.2 Representação

Para compreender a relevância da mídia no fortalecimento do sotaque Costa de Mão aborda-se também a representação da cultura, ideia apresentada por Stuart Hall (2016). Posto isto, o autor disserta a princípio sobre a linguagem e a representação através dela afirmando que por meio da mídia, como mostrado por Silverstone (2005), ela apresenta uma construção de significados, isso se dá porque a mesma

É capaz de fazer isso porque atua como um sistema operacional. Na linguagem fazemos o uso de signos e símbolos — sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos — para significar ou representar para os outros indivíduos os nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um “meio” através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos (HALL, 2016, p. 18).

Esclarecido isso, neste estudo não se aprofundará sobre os constituintes da linguagem, mas é relevante ressaltar que seu uso está diretamente conectado à representação, portanto, utiliza-se de signos que representem alguma coisa,

ligando-se à cultura. A representação por si torna-se indispensável no processo de elaboração de significado, posto que é através dela que são construídos os signos que retratam os conceitos e suas relações.

Para determinar a representação, o autor afirma que

Nós começamos com uma definição bem simples de representação. Trata-se do processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significante) para produzir sentido. Desde já, essa definição carrega a importante premissa de que coisas — objetos, pessoas, eventos, no mundo — não possuem, neles mesmos, nenhum sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós — na sociedade, dentro das culturas humanas — que fazemos as coisas terem sentido, que lhes damos significado. Sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão, de uma cultura ou período ao outro. (HALL, 2016, p. 108)

Essa produção de sentido através dos signos nos proporciona fenômenos como o abordado nesta investigação, sendo possível apresentar a representação como fator essencial para a sobrevivência do sotaque Costa de Mão, em meio às mudanças da sociedade, garantindo a sua presença no imaginário popular.

Stuart Hall (2016) ainda apresenta três abordagens de representação, a reflexiva, a intencional e a construtivista, mas neste trabalho será utilizada a última, ao reconhecer o aspecto público e social da linguagem, onde as coisas não possuem um significado por si só e sim o sentido é construído (Hall, 2016). Isso possibilita perceber como a dinâmica comunicacional em torno do sotaque Costa de Mão é realizada e analisar profundamente o discurso feito em torno do assunto.

4.3 Discurso jornalístico

O discurso jornalístico atua diretamente na construção de sentidos sobre a cultura popular, sendo um dos principais atores mediadores da visibilidade das manifestações culturais e da forma como estas são reconhecidas pela sociedade. No contexto do Bumba Meu Boi do Maranhão, observa-se como certos sotaques recebem maior atenção midiática do que outros, resultando em um desequilíbrio na valorização desses grupos e sotaques. O sotaque Costa de Mão, apesar de sua importância histórica e cultural, é marginalizado de forma recorrente na cobertura jornalística, o que afeta sua presença nas atividades festivas do São João e sua continuidade como sotaque tradicional.

A mídia não apenas informa, mas também erige realidades ao determinar o que deve ser destacado e como certos temas serão abordados. Como aponta Felippi (1999),

O discurso jornalístico é uma modalidade de discurso sobre, falar sobre. Discursos sobre atuam na institucionalização de sentidos, causam efeito de linearidade e homogeneidade da memória, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, colocam o mundo como objeto e contribuem para a constituição do imaginário social e cristalização da memória do passado e construção da memória do futuro (FELIPPI, 1999, p. 07).

No âmbito do Bumba Meu Boi, essa lógica se manifesta na escolha de determinadas narrativas e no recorrente apagamento de algumas formas de expressão, como o sotaque Costa de Mão, que é alvo de atenção reduzida nos meios de comunicação quando comparado a outros sotaques mais populares.

Para Hall (2016), a mídia atua diretamente na produção e reprodução das representações culturais, influenciando a maneira como as pessoas percebem e reconhecem as tradições populares. Segundo o teórico, “as representações não são meros espelhos da realidade, mas sim formas de dar sentido ao mundo, sendo que essas representações são historicamente construídas e socialmente negociadas” (HALL, 2016, p. 108). No cenário maranhense, a visibilidade proporcionada ao Bumba Meu Boi nos jornais televisivos e digitais auxilia na legitimação de determinados grupos, enquanto outros permanecem à margem da sociedade. Essa dinâmica influencia diretamente no reconhecimento e na continuidade do sotaque Costa de Mão, já que a falta de exposição na mídia diminui seu status e dificulta a atração de novos brincantes e apoiadores.

A forma como o discurso jornalístico constrói suas narrativas também está conectada à seleção e classificação dos temas noticiados. O jornalismo assegura a sociedade por ter consciência do que comunicar, e, além disso, o que interessa ao público saber naquele cenário (BENETTI, 2007). Quando se fala de Bumba Meu Boi, essa lógica se reflete na predominância de reportagens que enfatizam os sotaques de Orquestra e Matraca, frequentemente associados a grandes eventos e a apresentações que atraem maior público e cobertura jornalística. O sotaque Costa de Mão, por outro lado, aparece de maneira esporádica e, muitas vezes, apenas em matérias que abordam seu possível apagamento, reforçando um enquadramento que o coloca como uma tradição em declínio, em vez de uma expressão viva da cultura popular.

Além disso, o enquadramento das reportagens possui um papel importante na construção do discurso jornalístico. Em referência ao Bumba meu boi Costa de Mão, sua presença na mídia é frequentemente associada a uma narrativa de resistência e apagamento, o que pode ter um efeito ambivalente: mesmo que chame a atenção para sua marginalização, também fortalece o conceito de que seu apagamento é inevitável, em vez de estimular ações concretas para sua valorização.

Ao considerar a relação entre o discurso jornalístico e a visibilidade do Bumba Meu Boi Costa de Mão, se verificou evidências de que a mídia desempenha um papel ativo na construção de sentidos e na valorização – ou marginalização – das expressões culturais populares. A baixa presença desse sotaque nos veículos de comunicação reforça a necessidade de fortalecer a discussão sobre as políticas de preservação do patrimônio imaterial e os mecanismos que determinam quais manifestações culturais recebem maior atenção pública. Nesse sentido, é essencial examinar como os próprios integrantes dos grupos de Bumba meu boi Costa de Mão percebem essa invisibilização midiática e quais estratégias têm adotado para resistir ao apagamento de sua tradição. Diante desse cenário, o próximo capítulo aprofundará a perspectiva dos participantes e do próprio sotaque, buscando compreender como suas experiências e relatos contribuem para a manutenção e fortalecimento desse patrimônio, mesmo diante dos desafios impostos pela falta de reconhecimento midiático e institucional.

5. O SOTAQUE COSTA-DE-MÃO: INVISIBILIDADE E RESISTÊNCIA

Nas reflexões do capítulo anterior falou-se de mídia e representação e as suas responsabilidades pela construção de narrativas. Contudo, como destaca Cardoso (2016) em seus estudos, é importante observar de qual maneira a mídia constrói os discursos que são publicizados e, posteriormente, assimilados como verdades.

Existe essa preocupação, pois conforme Bourdieu (1996, apud. CARDOSO, 2016), os discursos detêm o que se entende como eficácia simbólica, ou seja, aqueles que possuem o controle da mídia não apenas moldam a percepção da realidade, mas também impõem uma visão de mundo alinhada a seus próprios interesses. Nesse sentido, a baixa visibilidade do sotaque de Bumba Meu Boi Costa de Mão na mídia pode ser compreendida como um reflexo desse processo, em que determinadas expressões culturais são marginalizadas em favor de narrativas hegemônicas. Silverstone (2002) reforça essa perspectiva ao destacar a necessidade de um distanciamento crítico entre mídia e objeto, evidenciando como a sub-representação de manifestações culturais tradicionais resulta da seletividade imposta pelos meios de comunicação, onde as relações de poder determinam o que estará presente na mídia.

É possível observar como a mídia atua nos discursos elaborados sobre o que se entende como a origem do Bumba Meu Boi no Maranhão. Muito embora, como explicado anteriormente, o folguedo tenha sido originado e costumava representar uma relação conflituosa entre etnias, o negro, o branco e o indígena, atualmente a mídia, em termos gerais, incluindo o Governo do Estado em suas propagandas turísticas populariza uma narrativa na qual tal miscigenação teria acontecido de forma pacífica e harmônica (CARDOSO, 2016, p. 42).

Portanto, diante desse cenário, cabe às análises deste capítulo resgatar e entender de que maneira a mídia, por meio de reportagens, mantém “viva” a história do Bumba meu boi do Maranhão, em especial o Sotaque Costa de Mão, o qual é o cerne deste estudo. Isso porque tais construções simbólicas na mídia podem exercer um papel fundamental na manutenção, desconstrução ou reconstrução das narrativas em torno dessa manifestação cultural (CARDOSO, 2016).

5.1 Bumba meu boi Costa de Mão: o porquê da falta de prestígio?

Como foi explicado no decorrer deste trabalho, o Bumba meu boi Sotaque Costa de Mão tem suas origens na região do litoral noroeste do Estado do Maranhão, em Cururupu, e tem seus primórdios na época da escravidão, sendo um grande representante da cultura maranhense, pois há uma singularidade em sua manifestação cultural que não é encontrada em outras formas de brincar o Bumba Boi no Brasil. Existem 7 grupos de Bumba meu boi Costa de Mão no Estado e apenas 3 deles na capital (G1, 2024).

A principal característica que é única dele é a maneira que os participantes ditam o ritmo das toadas. Isso porque estes utilizam as costas de suas mãos para bater nos pandeiros, que possuem particularidades em sua confecção, afinal têm sua estrutura feita em metal ou madeira e o revestimento é produzido em couro ou nylon. Possuem ainda uma corda que tem como funcionalidade ser pendurada nos pescoços dos brincantes (IPHAN, 2011).

Quando avança para a composição dos grupos, encontra-se neles membros que fazem os papéis de tapuias, tocadores, vaqueiros campeadores, estes últimos podem ter um maracá ou uma vara de ferrão, que segundo Umbelino, mestre do Bumba Meu Boi Sociedade de Cururupu, ela serve para dar equilíbrio na dança e deixar ela ainda mais bela (IPHAN, 2011). Quanto às características, tem-se que

seus brincantes usam culotes de veludo bordado, meiões brancos, camisas brancas ou rosas e chapéus. Estes são enfeitados de fitas que saem da base da copa, a qual, por sua vez, é envolvida por uma espécie de coroa sobreposta. Utilizam, além do tambor-onça e do maracá, pequenos pandeiros cobertos de couro de guariba, batidos com as costas dos dedos, produzindo som macio e aveludado. Ritmo lentíssimo e de características muito próprias. (AZEVEDO NETO, 1983, p. 39-40)

Posto isto, vale destacar que esse sotaque, segundo a reportagem “Bumba meu boi de costa de mão: história, grupos e tradição no Maranhão”, veiculada no G1 em 05 de junho de 2022, chegou à beira do seu desaparecimento. Isso se deu devido à quantidade de participantes e o incentivo escasso do poder público, encontrando-se ativos apenas sete grupos, com poucas participações registradas em arraiais nos últimos anos. Essa questão será investigada com mais atenção durante a análise de conteúdo das matérias jornalísticas escolhidas para a pesquisa.

5.2 Uma visão interna do Bumba meu boi Costa de Mão: Entrevista com Mestre Eliezer

A entrevista foi realizada com o Mestre Eliezer, do Bumba Boi Costa de Mão Brilho da Sociedade, em 10 de janeiro de 2025, com o propósito de apresentar uma percepção aprofundada dos brincantes do sotaque em relação ao apagamento e à desvalorização do mesmo. Tal entrevista, também, servirá como base para a compreensão da análise de conteúdo, realizada em sequência, onde serão relacionadas as informações obtidas na mesma com os dados levantados na análise. Iniciou-se a entrevista perguntando ao Mestre Eliezer sobre quando e como que o seu grupo foi formado.

“Olha esse grupo, ele foi criado em 1950 na cidade de Cururupu, né? Oh pelos antigos, né? Fazem parte da minha família paterna e ao longo desses anos de 50 até a década de 80. Ele teve a sua permanência lá na região de Cururupu. Foi um grupo criado como uma brincadeira de criança e tal, mas depois os adultos, viram a proporção que o grupo tomou e acabaram puxando para eles, nossa já eram adolescentes também assumiram o controle, né? Não deixaram os adultos da época tomarem de conta, aí esse grupo veio se fortalecendo, porém, não tinha a visibilidade, isso lá na época de 50, não tinha essa total visibilidade (ELIEZER, 2025).

A princípio o sr. Eliezer explica que o grupo de Bumba Meu Boi em questão foi fundado na década de 1950, na cidade de Cururupu, inicialmente em um formato de brincadeira infantil. Apesar disso, com o passar dos anos, o grupo ganhou relevância, e terminou sendo assumido pelos adultos responsáveis. Tal processo traz à tona a necessidade de uma reflexão acerca da maneira como as manifestações culturais e populares se consolidam como expressões culturais que auxiliam na construção identitária de um povo.

[...] O meu pai que era membro da família da criação desse grupo, né do reduto ali da Fortaleza. Aí ele era brincante daqui do Bumba Boi aqui de São Luís [...] Só que na época de 80 meu pai migra para o boi da Liberdade e em 1985 o Boi Brilho da Sociedade hoje aqui dentro de São Luís, o registro dele é o Brilho da Sociedade dentro de Cururupu da Fortaleza em 1985, esse boi veio para cá para São Luís sobre a regência de um senhor chamado Bernardo [...] (ELIEZER, 2025).

Tal deslocamento do grupo para a capital do Estado é um demonstrativo do interesse em trazer mais visibilidade para o sotaque Costa de Mão e desta maneira fazer uma integração no contexto cultural da capital do Estado. Outra questão que fica evidente é que tal transição não foi necessariamente apenas geográfica, mas trata-se de um esforço da própria comunidade.

Aí o senhor o seu Antero foi até o boi da Liberdade. Procurou meu pai disse: Eliezer, rapaz, vai lá na sede que descobri que esse pessoal lá de Cururupu são tudo carente e eles estão lá, eles estão passando fome eles estão lá mais 16 pessoas e a comida que eles estão comendo é só camarão seco com farinha e é duas latas de sardinha para 16 pessoas, aí o meu pai foi nesse dia lá, no domingo, lembro muito bem, era um domingo dia de São Pedro, caiu no domingo e meu pai saiu. Largou o boi da Liberdade, foi direto para feira, comprou comida, veio para cá para casa nesse tempo a nossa casa, era só um cômodo mesmo, aí veio para cá para casa, tava construindo, aí meu pai pediu para minha mãe fazer uma comida. Aí ele pegou o carro, foi até a sede do boi, trouxe o pessoal aqui para casa, todo mundo almoçou e tal e ele tem um sobrinho por nome buchudo por apelido buchudo, né? [...] Aí o buchudo disse tio eu pedi um favor de sobrinho, tome de conta desse boi para a gente, aí em 87 o meu pai com a minha mãe já os dois falecidos, né? Resolveram tomar a pé da situação do boi na questão administrativa, aí registraram esse boi na época na Federação de Bumba Meu Boi [...] (ELIEZER, 2025).

Aqui, percebe-se que o Eliezer traz a lembrança dos esforços para institucionalizar a brincadeira e esta, é sem dúvida uma movimentação que garantiu que o grupo tivesse a legitimação cultural necessária dentro do circuito cultural da capital. Ademais, fica evidente por meio desta fala a relevância das lideranças familiares não somente para manutenção mas também para a sobrevivência da brincadeira.

O boi teve a sua primeira participação em um LP gravado pela Prefeitura de São Luís por meio da Secretaria Municipal de Cultura, gravou o CD "Brincando no Arraial Ano Um e Ano Dois", então eles esse já foi um grande ganho, depois disso o Boi foi ganhando uma proporção aos olhos do público. Fez uma viagem para Teresina, pois isso gravou outros CDs, participou de um projeto maravilhoso que foi o projeto chamado aBarca de um grupo de São Paulo, né? Gravou vários CDs, mas fora tudo isso ganhou visibilidade junto ao governo, junto ao público, mas não foi essa grande visibilidade como tem os outros grupos de Bumba Boi aqui dentro de São Luís, porém era uma visibilidade assim de um pouquinho, é teu, tá aqui, te contenta, entendeu? Então era desse jeito e é desse jeito até hoje." (ELIEZER, 2025)

A partir dessa descrição, com riqueza de detalhes com a história contada, percebe-se que o incentivo é fundamental para inserção dos grupos menos privilegiados no cenário artístico da capital. Muito embora todos os avanços, dentre eles a gravação de vários CDs, por exemplo o sotaque Costa de mão, ainda precisa percorrer um longo caminho para garantir similaridade no que diz respeito ao status de outros grupos e outros sotaques.

Para adentrar ainda mais a história do Boi Brilho da Sociedade, questionou-se acerca dos fundadores do grupo, se foram os pais do Mestre e o nome deles.

Prontamente o entrevistado respondeu, além de fornecer informações essenciais sobre o desenvolvimento do sotaque na cidade de Cururupu.

“Olha o nome do meu pai é Eliésio Almeida Martins, nome da minha mãe Matilde Gomes Fonseca, o nome do dono do boi lá dentro de Cururupu é o seu Edmundo Silva já falecido também né? Aí tinha um Edmundo, tinha o seu Valdivino, tinha seu Antônio, tinha o cunhado do meu pai, seu Davino, né? Então foi essa turma toda que fez a construção desse boi desse sotaque maravilhoso, mas fora o brilho da sociedade, que é o boi da Fortaleza, gente tem lá dentro de Cururupu que também vem para cá e o corpo administrativo é daqui de São Luís, tem o boi da Armação, tá? Tem um boi da Areia Branca, tem um boi da Soledade, né? Aí tinha uns outros, boi Barro Vermelho, Barro Branco, né? Tinha o boi de seu Luluca. Então era uns grupos que se acabaram justamente por essa falta de apoio tanto aqui como lá, né? Tanto aqui como lá acabou tudo, aí não tiveram força para se manter não, tiveram força para se manter e esses três grupos, quatro grupos hoje que eu acabei citar para você, eles só estão tendo a força ainda da existência por conta disso aqui ó, por conta de vir para cá para fazer a captação de recursos e voltar para lá, porque senão já tinha acabado mesmo.” (ELIEZER, 2025)

Retornando à questão da luta e resistência do sotaque Costa de Mão, o Mestre Eliezer discorreu sobre as dificuldades passadas pelo sotaque na atualidade.

“E a gente luta demais ainda com a questão do Costa de Mão e eu não vou falar que só pelo Boi Brilho da Sociedade, não, eu falo pelo sotaque Costa de Mão em si, ele sofre uma grande discriminação do poder público. E só para ter noção, que teve um ano que o homenageado do São João foi o Costa de Mão, aí fizeram baita de um outdoor, botaram lá três, quatro modelos e o nome lá embaixo Costa de Mão, que você tinha que pegar uma lupa para poder enxergar.” (ELIEZER, 2025)

A partir dessa fala fica claro que o processo discriminatório enfrentado pelo sotaque Costa de Mão não fica restrito a um grupo, mas trata-se na verdade de algo mais amplo que atinge o sotaque como um todo. Esse pode ser, inclusive, um indicativo de que há uma desigualdade estrutural no âmbito das manifestações de Bumba meu boi. Isso porque alguns estilos visivelmente parecem receber mais apoio financeiro do que outros, o que percebeu-se analisando a programação dos arraiais do Governo do Estado em 2024, onde os grupos do sotaque Costa de Mão se apresentaram apenas cinco vezes durante os dois meses de festa, enquanto os grupos do sotaque de Orquestra, por exemplo, se apresentaram 133 vezes (PROGRAMAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO, 2024). Isso mostra a atuação das políticas públicas no que se refere a valorização de determinadas expressões culturais em detrimento de outras.

Além disso, a indignação presente nessa fala é um retrato do tratamento superficial que é dado ao sotaque Costa de Mão nos eventos oficiais. Já que

mesmo diante de uma tentativa de valorização não houve um reconhecimento efetivo que de fato favorecesse o sotaque e os seus brincantes. É preciso lembrar que a cultura popular não é apenas um enfeite, ela precisa de políticas públicas atuantes para manter-se viva.

“Aí vem outra parte discriminatória no quantitativo de apresentação, se um boi ganha 10 apresentações, eles dão três apresentações para o Costa de Mão, às vezes até uma, então bem aí vai a questão da discriminação, a falta de respeito, e isso acaba quando o público do próprio Costa de Mão, o público da comunidade da Baixada, que faz o Costa de Mão, hoje só para você ter noção, que dentro de Cururupu existia 11 grupos de Bumba Boi de Costas de Mão, hoje só tem três grupos e o que as pessoas fizeram? Migraram do Costa de Mão para Orquestra, porque sabem que o boi de Orquestra tem mais saída. Hoje tem um boi dentro de Cururupu que é o Prenda, esse boi tem uma faixa de cento e poucas pessoas eram boi de Costa de mão, porque eles viram que o resultado é esse. Aí tem nego que tá terminando para de fazer um grupo de Bumba Boi, para fazer um grupo de Cacuriá, porque o Cacuriá é uma dança sensual e tal. Aí, será que dá mais visibilidade? Pois não tá dando mais isso, né? Mas vale e tal.”
(ELIEZER, 2025)

Neste ponto fica clara a falta de oportunidades dada para sotaque Costa de Mão se comparado com outros grupos. Essa evidente diferenciação na distribuição quantitativa de apresentações parece evidenciar uma hierarquia cultural no âmbito das festividades onde alguns estilos terminam desfavorecidos e conseqüentemente ainda mais dificuldades no que diz respeito à sua permanência como manifestação cultural. A preferência dos gestores públicos por grupos considerados mais atuais ou espetaculares acaba gerando disputas internas no campo da cultura popular e interferindo no processo criativo dos grupos mais tradicionais, que passam a abrir mão de sua prática cultural de origem, muitas vezes por não sentirem o reconhecimento, e enveredam para outro formato cultural mais alinhado com o gosto das classes médias, com o que “vende melhor”, com o que rende mais recursos financeiros. Essa lógica vem inviabilizando a permanência e a concorrência das manifestações mais ligadas ao sentido comunitário e menos ligadas à estética dos shows, como é o caso do Boi Costa de Mão.

A redução do número de grupos é um retrato real do impacto da falta de apoio dedicada a este sotaque. Além disso, a migração dos brincantes para outros estilos revela o quão importante é a viabilidade econômica e a visibilidade para aceitação deste sotaque no contexto dos circuitos festivos oficiais.

Então a essa discriminação toda, teve um ano que a gente não veio, em 2016, por falta de recurso não veio para cá para São Luís, fora isso aí teve a questão da pandemia. A pandemia a gente veio e quando chegou agora

2020 e 2022, a gente teve um ano mesmo bem capenga, vínhamos mesmo na marra, 2023 também, quando chegou agora 2024, não tivemos condição de vir mesmo. Foi feita até uma campanha “pix” colaborativa, mas o valor não chegou nem sequer a chegar, entendeu? Chegar perto para despesa de ônibus, alimentação, bebida, hospedagem.

O relato acima mostra que a falta de financiamento é um problema que acompanha o Bumba meu boi Costa de Mão há muitos anos. A tentativa de arrecadar fundos por meio de uma campanha colaborativa demonstra o esforço da comunidade em busca de alternativas para a ausência de apoio governamental e reforça o quanto cada vez mais os brincantes têm recorrido a esforços próprios para manter viva uma tradição. Estas falas, de certa forma, transmitem a responsabilidade emocional e financeira que recai sobre os líderes dos grupos para garantir a participação mesmo com as dificuldades.

Ainda durante esse questionamento, ele tocou no ponto relativo à falta de colaboração dos grandes canais de comunicação e do próprio governo, principalmente em relação aos novos formatos de arraiais que estão sendo produzidos atualmente, com shows de artistas nacionais, o que, supostamente, reduz o interesse do público em assistir os grupos locais.

Aí vem a parte do poder público, vem a parte da imprensa, tá entendendo? Que não colabora também com informações verdadeiras mesmo, de mostrar o lado, eu não sei se a palavra correta é essa: o lado obscuro da cultura. Porque a imprensa mostra só o lado lindo, é o turista chegando um grupo lá no aeroporto, tá entendendo? Os arraiais aí de estrutura faraônicas têm grandes palcos e tal, mostra isso, mas não mostra a realidade se o povo souber de verdade o quantitativo de grupo hoje de Bumba Meu Boi de Grupos Tradicionais Centenários que pararam de se apresentar por falta de apoio do poder público ninguém ia ficar abismado. Então isso hoje perpassa esse descaso não só com Costa de Mão, mas com outros grupos também, outros sotaques ou cidades.

É porque essa cultura de raiz hoje, ela tá morrendo, essa é a verdade, ela está morrendo, assim como o Costa de Mão está agonizando, a cultura de verdade está morrendo por essa falta de apoio do poder público e hoje não adianta você brigar, não adianta você discutir, porque é isso aqui o martelo já está batido e pronto, acabou!” (ELIEZER, 2025)

O Mestre ainda cita mudanças na cultura dos grupos de Bumba Meu Boi, afirmando que existem grupos com objetivos “empresariais”, que não seguem a tradição de devoção aos Santos juninos e estão modificando as tradições da brincadeira, defendendo os ritos que o grupo dele realiza, em detrimento do que atualmente outros sotaques estão praticando.

“E já tem grupos formados para a questão empresarial, ele tá ali só para se apresentar, ele não faz o batizado, o que eles fazem é um batizado totalmente diferente do que é o batizado. É religioso de um grupo de cunho

religioso. O batizado desses grupos já são diferentes, é só bem aqui aí contrato uma banda de forró, um grupo de pagode, faz uma feijoada, tá entendendo? Aí chama alguém, até um pastor para batizar lá o boi, o pastor batizando o boi certo? Ou um juiz fazendo batizado do boi, aí ali o boi já está batizado e já os grupos religiosos, não os grupos que têm um cunho religioso, eles batizam o boi no dia 23 de junho, dia de véspera de São João, não batiza antes esses grupos ali ó, são os verdadeiros grupos de Bumba Meu Boi, que são uns grupos que mantêm a essência da história e isso, poxa, é esse lado que eu gostaria muito mesmo que o governo se atentasse para esse lado, para esse público, poxa, esse grupo bem aqui faz uma coisa tão bonita, véspera de São João, ele vai tem a ladainha reza tudinho, depois dessa reza vem os padrinhos, batizam o boi aí que o miolo vai para debaixo do boi, vai dançar. Então aí tem o cunho, o vínculo, com a questão dos santos, né? (ELIEZER, 2025)

Ao se observar a falta de visibilidade que o governo tem para com o sotaque Costa de Mão em relação aos outros sotaques pela fala do entrevistado e com base nas pesquisas realizadas, compreendeu-se que pela experiência vivida do Mestre, os recursos destinados aos grupos “menos famosos” é diferente dos recursos enviados para os “mais populares”. Mestre Eliezer também aciona como pode em seu discurso uma estratégia para demonstrar um diferencial, uma distinção em relação ao grupos que considera “comerciais”. Para ele, “os verdadeiros grupos de Bumba meu boi”, os “que mantêm a essência”, em que se inclui o dele, recebem pouco reconhecimento midiático e financeiro. Mas podemos argumentar que ao considerar os grupos mais comerciais como grupos supostamente sem tradição, sem vínculo religioso - o que entendemos como um olhar romantizado - Mestre Eliezer também está desqualificando as demais produções, defendendo uma tradição que para ele não pode mudar, não pode ser transformada. É preciso pontuar que as tradições são construídas socialmente, vão se adaptando às mudanças econômicas e neste caso às necessidades dos grupos que dão vida à manifestação cultural. Portanto, apesar de compreender o discurso de insatisfação do informante, não consideramos que as mudanças no bumba-boi, como as festas de morte e batizado apontadas por Eliezer, sejam descaracterizações, mas assimilações e reelaborações próprias da dinâmica cultural no mundo contemporâneo. Também, podemos acrescentar que tanto os grupos que mantêm formatos mais ligados à experiência tradicional, como o Boi Costa de Mão, quanto grupos mais ligados ao urbano, ao palco, tem sua validade, sua legitimidade cultural, e as estratégias que cada grupo aciona são determinadas pelos seus líderes, aqueles que conhecem as necessidades reais do seu grupo.

Reconhecemos, entretanto, também a validade das denúncias e do apelo de Mestre Eliezer sobre as políticas públicas de cultura inconsistentes, que não contemplam as especificidades dos grupos mais comunitários e mais afastados da capital. E se ele, em alguns momentos, expressa críticas sobre outros fazedores de cultura, entendemos que o poder público tem sido o principal causador dessas interferências e disputas dentro do contexto do movimento cultural do bumba meu boi, como percebemos na fala a seguir:

“Aí fora isso o poder público, no todo, ele não quer fazer essa coisa de investir mesmo de verdade. Aí, a gente muda de uma conversa para outra, cara.

[...] É como o Bumba Boi, povo não quer investir em grupos, quer investir só nos que têm visibilidade, para uma companhia folclórica fazer 70 apresentações durante o São João. Isso é um verdadeiro absurdo, 70 apresentações no São João sendo 40 apresentações pagas pelo governo e 30 particulares. Isso é um absurdo enquanto um Bumba Meu Boi de Costa de Mão faz duas apresentações pelo governo. Tem respeito, tem visibilidade, tem consideração por uma história? foram os dois meses de São João, mas nesses dois meses se eu não tô enganado o sotaque Costa de Mão, só teve cinco apresentações em todos os Arraiais do Governo aqui em São Luís, cinco apresentações diferentes de outros que tiveram 50, 20, que tava praticamente todo dia nos arraiais e é realmente muito preocupante. Aí você pega lá atrás, a gente fazia 98 apresentações, aí você tinha os arraiais descentralizados, se tinham os vivos dentro dos bairros e hoje não, você tem 5 arraiais grandes para 400 atrações. Eu acho que o governo tem que fazer um trabalho sério voltado, tá entendendo? Para os grupos de Bumba.”

Embora enfrente dificuldades que os fazem pensar em desistir frequentemente, Mestre Eliezer discorre sobre os motivos que o levam a manter o seu grupo, mantenedor de uma tradição tão importante no Maranhão.

“Para mim é uma felicidade grande ainda ter e ver o trabalho acontecendo. Triste porque a gente não conseguiu fazer o São João de 2024, né? Mas o boi foi tocado lá, né? E hoje para mim, ele tá sendo uma dificuldade de trazer o grupo todo de lá para cá, hoje eu já tô até tentando ver se eu consigo fazer logo por aqui mesmo, até para manter também a existência de um trabalho de fortalecer também, né? Eu me sinto feliz pela existência do sotaque, pela permanência do sotaque, minha única tristeza é essa, é a falta de apoio mesmo.” (ELIEZER, 2025)

Sobre a composição do seu grupo, quanto os integrantes têm em cada função, músicos, dançarinos e as figuras principais do seu boi, o Mestre Eliezer foi bem específico e relatou que atua em diversas funções.

“Hoje ele tem uma faixa de 50 pessoas, né? Aí onde tem as índias, né? Que é um corpo de baile que é composto por jovens da comunidade mesmo. Aí a gente tem uma faixa de uns 20 a 30 batuqueiros, né? O povo da percussão, né? Tem um corpo de vaqueiro também que são jovens idosos, né? E tem uns cantores, né? Que inclusive tem um cantor jovem

que é o neto do próprio Edmundo que é o Johnny, né? E eu também faço parte. Da percussão confecciona também os instrumentos pandeiro, tambor onça, né? Hoje confecciona também alguns chapéus de fita já, já faço questão de metálica e faz parte do administrativo do boi e também na mão de obra.” (ELIEZER, 2025)

Em relação à preparação do grupo para o São João, com ensaios, organização e tempo levado para isso, o pensamento do Eliezer demonstra uma preocupação amplificada sobre a sustentabilidade das manifestações culturais tradicionais diante das políticas públicas atuais. A dependência a editais com cláusulas desfavoráveis pode desestimular a participação dos grupos e comprometer a preservação dessas tradições.

“O mês de preparação é o mês de maio, todo sábado tem ensaio do boi como eu te falei. Inclusive a gente já vai sentar com o pessoal para ver como é que vai ficar, porque eu digo o tempo todo o carnaval para mim ele é o espelho de São João, se o carnaval for bom culturalmente, pra cultura local, eu me animo, se não for bom para cultura local, eu já digo [...] parabéns aqui porque não vão pagar e hoje o governo ele tá fazendo isso, ele não paga e tá lá na cláusula lá do edital: você que está habilitado, o governo não é obrigado a te contratar. Se você for contratado você vai receber com 90 dias e não adianta nem você entrar com recurso, muito complicado isso porque ele já ele já se respaldam dentro do próprio edital e o poder da sociedade civil, no todo, ela nunca conseguiu quebrar, fica todo mundo aí falando, mas não quebra o edital.” (ELIEZER, 2025)

Enfim, diante de uma situação política e econômica que desfavorece a manutenção do grupo, são apontados os maiores desafios para continuar levando a tradição do Boi Costa de Mão para o público da capital:

“O maior desafio hoje é manter e ter uma renda financeira pro grupo, é conscientizar os jovens que aquilo ali é algo de importância para eles, é cultura e diversão, mas tem um lado social, tem um lado político. Então tentar conscientizar o jovem para isso é um desafio, porque é algo que vai além do grupo, algo que vai além. É algo que tem que ter o apoio, tem que ter a mão forte do governo e em todas as esferas governamentais, tem que ter essa mão forte de conscientização dos jovens. Eu digo isso, falo o tempo todo. Bumba Meu Boi é cultura maranhense. Ele é para entrar como pauta dentro de escola, é pegar esses velhões aí que estão aí ó, que são mestres de cultura, é para botar um homem desse. [...] Bota um homem daquele para falar sobre o sotaque da Baixada, aquela fala dele entra como matéria escolar, então bem aí vai fortalecer, não adianta só chegar dentro da minha comunidade aqui: ô criança, vamos aqui vamos vou botar o boi aqui, vamos brincar, vamos fazer o boi aqui, agora não vou querer saber disso, mas se lá na escola dele ele tivesse o conhecimento que é isso ia fazer bem para ele, lógico, porque ele ia ouvir também um pouco da minha fala.” (ELIEZER, 2025)

O informante ressalta o processo educacional como aliado para o reconhecimento e perpetuação da cultura do bumba meu boi, trazendo mais um fator de mediação dessa cultura que está para além da mídia ou do apoio financeiro

do estado. Então, na visão do mestre, a mudança desse cenário depende de um consenso na sociedade civil, um complexo processo educacional e político, que sensibilize e conscientize as pessoas sobre a importância de suas tradições culturais para a construção de identidades, para a vida em sociedade, num mundo globalizado e capitalista, que tende à desterritorializar as experiências e perceber a cultura apenas como mercadoria, é preciso ter referências e sentido comunitário.

“Olha, o que falta mesmo, de verdade, é força de vontade de todo mundo, mesmo da sociedade civil, do poder público, né? Hoje a força de vontade até dos próprios brincantes que estão ficando descrentes justamente por essa falta de apoio do poder público, né? E de não ter como se manter também porque hoje tá assim, o cara vai brincar o boi, ele não quer mais saber só daquela dosezinha de cachaça, ele quer saber do arroz dele também, se existe algum apoio específico para esses sotaques tradicionais.” (ELIEZER, 2025)

O Mestre Eliezer revela diversas preocupações referentes à sustentabilidade do sotaque Costa de Mão. Ele enfatiza a necessidade de um esforço conjunto entre sociedade civil, poder público e os próprios brincantes para garantir a continuidade dessa tradição, principalmente, tornando-o mais presente nos festejos juninos. Para ter uma percepção de como funciona a inserção dos grupos nos arraiais, perguntou-se a ele sobre isso.

“Meu querido, essa divisão hoje ela funciona da seguinte forma: é tudo por um processo seletivo. Você passou no edital, habilitou, mas não é o fato de você estar habilitado que você vai ser contratado não. E se eles simpatizam com a tua proposta, eles vão te chamar, vão te ligar e dizem: ó você vai fazer parte da programação, mas você espera a nossa ligação. Aí você vai ficar preso naquela espera sem tu saber qual é o dia que tu vai te apresentar, a hora que você vai se apresentar, nadinha certo e eles vão decidir o quantitativo de apresentações que vão te dar, isso pros grupos que não tem esse apadrinhamento político, mas os grupos que tem um apadrinhamento político, quando eles ligam eles já estão ali te dando todo o calendário de apresentação.” (ELIEZER, 2025)

Mesmo sendo um militante de uma cultura que enfrenta dificuldades e beira ao desaparecimento, Mestre Eliezer mostra-se descrente na resistência das próximas gerações, visto que, segundo ele, o público jovem está se afastando cada vez mais dessa atividade.

“Tá cada vez maior o risco de desaparecimento e é nítido isso tá entendendo? É a questão de se manter, é uma dificuldade muito grande para se manter até por conta do custo que é muito alto mesmo, é muito alto [...] e o risco também é muito grande de desaparecer justamente por conta disso, porque tão fazendo algo que tá tirando o público jovem dos grupos folclóricos. Então se o público jovem tá saindo o risco do desaparecimento é eminente.” (ELIEZER, 2025)

Além disso, Eliezer destaca que a sociedade maranhense não chegou a abraçar de forma plena o sotaque Costa de Mão, diferentemente do que ele visualiza que ocorreu com o sotaque de Orquestra. Ele ressalta que, anteriormente, o sotaque de Orquestra também sofria discriminação devido à sua cadência mais lenta, semelhante ao que ocorre hoje com o Costa de Mão. No entanto, atualmente, o sotaque de Orquestra atrai grandes públicos, enquanto o Costa de Mão ainda luta por reconhecimento e apreciação.

“Tá deixando para lá, a sociedade maranhense no todo ela ainda não abraçou de verdade o sotaque Costa de Mão assim como foi abraçado o sotaque de Orquestra, tá entendendo? Esse novo sotaque de Orquestra de hoje, atual, porque o sotaque de orquestra do passado e ele também sofreu a discriminação porque era como se fosse o Costa de Mão da vida era um sotaque que tinha uma célula rítmica bem arrastada, bem cadenciada, o povo não ia olhar o boi da orquestra do passado, mas esse boi de Orquestra de hoje, da atualidade, o povo corre para ver. Aí todo mundo fala, mas a célula rítmica desse boi é tão devagarinho, é tão lenta e tal, mas é a essência dele. Essa é a essência dele, não pode mudar, por isso que o povo ainda não se engraçou, se encantou com sotaque Costa de Mão.” (ELIEZER, 2025)

Foi proposto ao Mestre Eliezer uma reflexão sobre o que ele gostaria que o público, que as autoridades, que o poder público, os maranhenses em geral, soubessem da importância do sotaque Costa de Mão aqui no Maranhão, em São Luís, nas brincadeiras dos arraiais do período junino. O Mestre respondeu prontamente de forma apaixonada e ressaltando a importância do sotaque para a cultura maranhense.

“O que eu queria que o público soubesse mesmo de verdade é que esse sotaque, o sotaque Costa de Mão é um sotaque secular. Ele é um sotaque que tem toda uma história. Ele foi referência para os outros sotaques, dizem os mais velhos, que o Costa de Mão vem a ser um sotaque até mais antigo do que o Boi de Zabumba. Porém, não teve o apoio na época, não teve a visibilidade na época, então era isso que eu gostaria que as pessoas soubessem, eu gostaria que as pessoas de fato abraçassem o sotaque, ouvissem mais as toadas do Costa de Mão, ouvisse um pouco dessa história do sotaque Costa de Mão que eu tô contando. Mas que essa história ela pode ser melhor ouvida por aqueles grandes mestres que ainda estão aí em existência dentro de Cururupu, até aqui mesmo dentro de São Luís. Mas, pela pouca informação que eu tenho, né? Pela propriedade que eu tenho, mas o que eu estou fazendo aqui é contribuindo com vocês. Eu também vivi o momento com eles, lá dentro mesmo lá na essência, da história na raiz, da pessoa falar: a gente saiu para brincar boi no sábado, mas a gente teve que viajar na quinta, andou de quinta-feira até sexta-feira à noite para chegar em tal lugar para poder brincar o boi no sábado, aí saiu domingo para chegar terça-feira em casa, mas a felicidade, existe toda essa felicidade no olhar de cada componente. Aí, se as pessoas soubessem como é a felicidade de uma criança, às vezes de 4 a 5 anos, pega um pandeiro e bate já. Então isso é muito bom. Isso é muito feliz,

então eu gostaria que as pessoas soubessem e isso que existe, esse lado esse lado velho, esse lado lindo do Costa de Mão". (ELIEZER, 2025)

A fala final do Mestre Eliezer pode ser analisada através dos conceitos de identidade e representação. Assim, levando em conta o pensamento de Hall (2016), onde a representação não é de fato uma cópia da realidade, mas sim uma construção cultural que proporciona significados às partes da vida social. Nesse sentido, quando Eliezer enfatiza que o sotaque Costa de Mão é secular e carrega uma longa história, sendo até inspiração para outros sotaques, ele ressalta a importância de reconhecer e valorizar tal patrimônio imaterial que em sua visão contribui para a formação da identidade maranhense. O sotaque, aqui, funciona como um marcador identitário que é resistente às dinâmicas de homogeneização cultural promovidas por processos globais, conforme discutido por Hall (2016) em suas análises.



Figura 3: Entrevista com o Mestre Eliezer. Fonte: Arquivo Pessoal.

6. ANÁLISE DE CONTEÚDO: BUMBA MEU BOI COSTA DE MÃO E ABORDAGEM NA MÍDIA

Este capítulo tem como principal objetivo analisar como o Bumba meu boi Costa de Mão é representado na mídia, além de compreender como são elaboradas essas narrativas. Para tanto, foram selecionadas duas matérias: uma reportagem do G1 Maranhão — Integrantes de bois de costa de mão pedem mais visibilidade e atenção para o sotaque no MA — publicada no dia 02 de julho de 2024 — e uma matéria televisiva exibida pelo JMTV, 1ª edição, disponível no *GloboPlay* veiculada no dia 24 de junho de 2024, as matérias estão anexadas junto ao arquivo.

Um dos motivos que levou à escolha dessas fontes foi a relevância que os meios de comunicação, neste caso a mídia, possuem na construção de sentidos no que diz respeito às manifestações culturais. Isso porque, conforme destaca Silverstone (2002, p. 20) o papel da mídia vai muito além de somente transmitir a informação como também filtra e molda realidades e por consequência, influencia a maneira como vemos o mundo, ou seja, é um processo de mediação de experiências.

Antes de dar início à análise detalhada das reportagens: “Integrantes de bois de costa de mão pedem mais visibilidade e atenção para o sotaque no ma; entenda o caso” e “Bois de sotaque costa de mão lutam para não serem extintos no maranhão”, foi realizada uma análise flutuante das reportagens veiculadas no período de junho a julho de 2024, seguindo as técnicas da AC, referentes ao Bumba Meu Boi do Maranhão e os seus sotaques. Entretanto, visto as limitações no presente estudo, constatou-se que apenas essas duas reportagens (televisiva e jornalística) abordavam diretamente a problemática do sotaque Costa de Mão, corroborando assim a seleção de somente as duas para a análise. Isso ocorreu durante o momento de pré-análise do material conforme Bardin (1977), o que, junto com a entrevista realizada com o Mestre Eliezer, auxiliou na formulação da hipótese de que esse sotaque está gradualmente sendo apagado do cenário cultural maranhense.

Hipótese essa que, segundo o texto jornalístico analisado, também é compartilhada por Izaurina Nunes, cientista social do IPHAN que comenta na reportagem aqui analisada, que essa falta de incentivo caracteriza-se como um dos fatores que leva o sotaque a ser preterido nos arraiais, comunitários ou organizados pela gestão pública, em detrimento dos outros sotaques.

Sobre as reportagens, ambas passaram pelo processo de análise de conteúdo, conforme o que é apresentado por Bardin (1977), com o propósito de destacar padrões discursivos acerca do sotaque Costa de Mão. Seguindo as regras da AC, a seleção do material considerou os preceitos de exaustividade, representatividade e adequação, permitindo, assim, que o material analisado fosse de fato relevante para a investigação. Considerando a inclusão de uma reportagem televisiva, pode-se permitir uma visão complementar, já que o audiovisual traz elementos diferenciados na construção do discurso, fortalecendo a mensagem transmitida.

6.1 Categorização e codificação de dados

Referente à categorização de dados, definiu-se a codificação em cinco categorias após a análise, sendo elas: falta de incentivo financeiro e estrutural, invisibilidade midiática, impacto nas comunidades locais, esforços para preservação e percepção do público e pesquisadores.

Quanto à falta de incentivo financeiro, as duas reportagens apresentam que a falta de financiamento para ações de preservação do sotaque é um fator determinante para sua invisibilidade. A reportagem do G1 destaca a ausência de iniciativas do governo voltadas para a valorização do sotaque como patrimônio cultural, ao mesmo passo que a reportagem televisiva do JMTV aborda o impacto social dessa falta de apoio. Junto a isso, quando analisadas as falas das pesquisadoras entrevistadas, verifica-se que sem investimentos estruturais, como a criação de materiais educativos e eventos de valorização, o sotaque pode desaparecer por completo nas próximas décadas.

Por outro lado, constatou-se na reportagem do G1 que algumas ações educativas já estão sendo realizadas. Isso se dá por meio de uma iniciativa do IPHAN em parceria com a Izaurina Nunes para a produção de livros didáticos, DVDs, entre outros materiais, os quais são entregues às crianças da zona rural da ilha de Upaon-Açu.

Ainda sobre a falta de incentivo financeiro, isso se torna desmotivador para os brincantes, como a Gilmara, presidente do Bumba Meu Boi Brilho da Sociedade menciona, há o atraso nos pagamentos dos cachês pelas apresentações realizadas.

“O pagamento dos cachês após as apresentações, muitas vezes com atraso, dificulta a nossa organização financeira. Não conseguimos pagar

transporte e arcar com as despesas de alimentação”, relatou a dona do boi. (G1, 2024).

O Mestre Umbelino, na reportagem do JMTV, ao ser questionado sobre o desaparecimento do sotaque pelo repórter Werton Araújo, confirma esse fenômeno, ele ainda afirma “[...] e se a gente não prestar bem atenção vai desaparecer... Porque todo dono de Bumba Boi Costa de Mão é pobre”

Um ponto de destaque, e, ao mesmo tempo, controverso à realidade, ao se falar sobre o fomento às manifestações culturais no estado do Maranhão, é que o Bumba meu boi, incluindo o sotaque Costa de Mão, estava inserido no Plano Estadual de Cultura estabelecido em 2014 que enfatizou a implantação de políticas públicas de cultura para os anos de 2015 a 2025. O planejamento em questão visava promover condições de sustentabilidade e promover experiências para a constituição da memória cultural maranhense (SECMA, 2014, p. 141). Os atuais relatos dos grupos demonstram que pode ter existido certa fragilidade no que diz respeito à manutenção da cultura popular, já que o investimento parece não ter chegado onde precisa para de fato manter viva a tradição do sotaque Costa de Mão.

Desse modo, gradualmente o sotaque Costa de Mão tem sido esquecido nos arraiais promovidos pelo Governo do Estado. Já que, como bem explica Cardoso (2005), essa dependência, especialmente financeira, que os grupos de Bumba meu boi possuem com os governos é, na verdade, “um modelo que privilegia os aspectos visuais do espetáculo, em detrimento da diversidade musical, coreográfica e cenográfica da tradição” (CARDOSO, 2005, p. 11).

Este contexto, que por vezes pode ser enxergado como uma relação de dependência entre os grupos de manifestações culturais e o Governo, é um processo que vem se arrastando há muito tempo, pois como Cardoso (2005) analisou em seus estudos há quase duas décadas:

[...] em certos contextos, a tradição pode ser justificada por um discurso manifestamente político, não só como princípio normativo para a ação, mas também como base para o exercício do poder sobre outros, garantindo-lhes a obediência. A tradição torna-se, assim, ideológica na medida em que é usada como pretexto para estabelecer ou sustentar relações de poder estruturadas de maneira assimétrica — tal como ocorre com o Governo e a cultura popular maranhense (CARDOSO, 2005, p. 6).

Quando se fala especificamente sobre invisibilidade midiática, o segundo tópico de categorização desta análise, é imprescindível destacar que a mídia como ferramenta ativa na construção de sentidos e capaz de moldar os contextos em que vivemos (SILVERSTONE, 2002) pode ser considerada um dos elementos

determinantes para a preservação de manifestações culturais. E, no caso do Bumba meu boi Costa de Mão, a ausência de uma cobertura consistente pode contribuir para haver um esquecimento dessa manifestação como parte da cultura maranhense, dificultando ainda mais a sua continuidade.

Ainda sobre esta discussão, a invisibilidade midiática se torna motivo de preocupação, ao passo que em plena época junina, sendo em 2024 no Maranhão esse período compreendido entre junho e julho, totalizando 60 dias, na qual os grupos de Bumba Meu Boi recebem mais atenção da mídia e do público, sobre os grupos pertencentes ao sotaque Costa de Mão, foram encontradas somente duas reportagens veiculadas durante o espaço de tempo citado, dentre 22 matérias publicadas sobre o Bumba Boi.

Logo num primeiro momento da matéria publicada pelo G1, o repórter Matheus Barroso já dá aporte à hipótese de esquecimento do Bumba Meu Boi Costa de Mão, afirmando que

Ainda não há um estudo ou razão que diga, com exatidão, o porquê do visível apagamento do sotaque costa de mão. Ao g1, especialista aponta fatores que podem ter contribuído para o esquecimento desse sotaque tão importante para a história da cultura do Maranhão [...] apesar de toda a história construída pelos antigos detentores, como são conhecidas as pessoas que produzem o bem cultural, o sotaque costa de mão é o que mais sofre com a falta de visibilidade e sensibilidade do poder público.(G1, 2024, online)

Ainda no contexto da matéria que está sendo analisada, o repórter Matheus Barroso (2024) destaca que essa não visibilidade termina por interferir diretamente no que concerne à sobrevivência do trabalho exercido pelos “fazedores de cultura”, aqui pode-se entender como brincades do folguedo, que constroem ano a ano a história desse sotaque.

Já a matéria no JMTV, ainda que tenha como foco o sotaque Costa de Mão, terminou-se por também enfatizar a invisibilidade do sotaque quando explica que o mesmo só tem oportunidade de visibilidade em eventos como o “Vamos Festejar — São João nas Férias”, produzido pela Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB). Ressaltando assim, que a visibilidade depende, muitas vezes, da resistência dos próprios brincantes.

Outro momento da matéria que vale a pena ser destacado e que revela a preocupação com a invisibilidade do sotaque é a fala do brincante Antoniel Santos, integrante do Boi Sociedade de Cururupu, quando expressa sua preocupação em relação ao desaparecimento da brincadeira nos arraiais, afirmando que:

“Foi registrado o complexo do Bumba Meu Boi como Patrimônio Imaterial e não um sotaque, dois sotaques. O complexo ele pega todos os sotaques... e formou esse complexo. E hoje a gente tem a essência de um desses sotaques indo embora e desaparecendo que é o Costa de Mão. Então, eu temo em perder esse título quando tiver o próximo registro, a próxima candidatura... quem sabe, sem um dos sotaques a gente não tenha como manter esse registro do Bumba Meu Boi como Patrimônio Imaterial.”

Assim, percebe-se que o modelo atual de cobertura midiática parece privilegiar determinadas manifestações culturais em detrimento de outras. Por isso, a invisibilidade mencionada tem um impacto direto no ritual do sotaque Costa de Mão, afetando a interação entre o público e os brincantes. Essa invisibilidade prejudica a experiência vivida, que é construída a partir da representação do Bumba Meu Boi do sotaque de Costa de Mão nos arraiais.

Em relação à categoria do impacto nas comunidades locais, percebeu-se que o apagamento do sotaque está conectado às condições sociais e econômicas das comunidades de onde ele se originou e ainda pertence. Na reportagem do JMTV, há um depoimento que relata que o sotaque é cada vez menos popular entre os jovens, enquanto o G1, reforça a dificuldade de compartilhamento de conhecimento dos integrantes mais velhos para os mais jovens, afinal os grupos carecem dessa presença da juventude em seu corpo de baile.

Isso é visto no Boi Brilho da Sociedade, sobre o qual Gilmara Silva buscou estratégias para atrair membros novos para sua constituição através da temática escolhida.

“Esse ano apresentamos o tema ‘Juventude vibrante, cultura que pulsa no ritmo do Bumba-Meu-Boi de Costa de Mão’ para mostrar à sociedade que os jovens estão interessados em nossas tradições culturais e que eles participam com muita inteireza. Um grupo de bumba-boi se faz com muitas gerações”, reforçou. (G1, 2024)

Como o Bumba Meu Boi Costa de Mão, a partir da percepção das falas dos entrevistados, se apegam à tradição e atraem a juventude. Para a sua sobrevivência é fundamental que isso ocorra, pois como apresenta Marques (2003, p. 53)

designar-se tradicional num momento e moderno num outro faz parte da natureza plural e universal do folguedo porque reforça a sua identidade como parte de um gênero reconhecido como folclórico/popular, possibilitando a sua sobrevivência diante dos demais grupos, estimulando a concorrência e, repondo a cada momento, os vários papéis e atuações que o folguedo representa/apresenta nos espaços público/privado.

Além disso, ainda é apresentada na reportagem a questão da invisibilidade imposta ao sotaque, explanando hipóteses e fatores que podem ser causadores

desse fenômeno e destacando que um dos motivos é o preconceito racial, visto que a maioria dos componentes dos grupos é feita de pessoas negras e quilombolas.

No tópico relacionado aos esforços para preservação, foi constatado que somente a reportagem do G1 relata iniciativas para manter viva a tradição linguística, como projetos culturais e acadêmicos, já citados acima e realizados pelo IPHAN. Na reportagem do JMTV, quando mencionam tais ações de preservação, é de uma forma rasa, com falas sobre a importância de passar o sotaque para as novas gerações.

Apesar da ausência de um enfoque mais detalhado, a existência dessas iniciativas demonstra haver um movimento ativo de resistência e preservação do sotaque Costa de Mão. Organizações locais e pesquisadores, como a Letícia Cardoso, vêm trabalhando na documentação e promoção do sotaque, mas a falta de visibilidade midiática dificulta o alcance dessas ações para um público mais amplo. A pesquisadora ao ser entrevistada para a matéria salienta as carências do sotaque

“O Costa de Mão tem muitas dificuldades, porque eles nasceram em Cururupu e os brincantes têm essa distância de deslocamento, de vir de Cururupu para cá. Então, por exemplo, a turma de seu Umbelino teve que morar em São Luís para manter a brincadeira viva na capital. Porque aqui circula mais, tem mais visibilidade. Então muitos grupos que estão em Cururupu não são conhecidos, nós temos hoje pouquíssimos grupos de Costa de Mão. É preciso que todos os arraiais deem espaço para esse sotaque também se apresentar e mostrar a sua riqueza, sua beleza”. (JMTV, 2024)

Posto isso, é de substancial importância destacar que a criação de políticas públicas voltadas para o fomento da cultura popular é fundamental para manter viva a história de um povo. Ao passo que, como assevera Abib (2015, p. 116) as políticas públicas

são parte desse processo e se constituem, também, como fundamentais para as novas configurações e articulações que podemos observar atualmente no campo da cultura popular.

Isso é reforçado a partir do discurso de Izaurina Nunes, na reportagem do G1, no qual a diversidade de identidades individuais é defendida como essencial para a cultura maranhense, portanto, é necessário proteger o sotaque Costa de Mão.

Para a cientista social, o reforço das características identitárias individuais de cada sotaque de boi é importante para manter viva a diversidade cultural dentro do boi maranhense. Este foi um dos argumentos apresentados no registro que sujeitava a tradição como um potencial para ser considerado um Patrimônio Cultural da Humanidade. (G1, 2024)

Por fim, quanto à percepção do público e dos pesquisadores, a ausência de um discurso institucional sobre a importância do sotaque Costa de Mão reflete na falta de reconhecimento da sua relevância pelo público. O JMTV enfatiza que o sotaque Costa de Mão se sente esquecido e marginalizado, enquanto o G1 não aborda de forma enfática esse tema, adotando um posicionamento neutro sobre essa invisibilidade cultural. Isso reforça a ideia de que a mídia não tem assumido um papel ativo na valorização dos sotaques com menor destaque no Maranhão, deixando essa responsabilidade exclusivamente para os pesquisadores e as comunidades tradicionais.

É essencial para a resistência do sotaque que esses assuntos sejam abordados, por darem ao público maranhense a oportunidade de conhecer ao fundo as dificuldades às quais os grupos são submetidos. Além disso, a matéria do G1 traz em seu texto a necessidade de encontrar outras alternativas para aumentar a presença dos grupos nos arraiais, destacando a necessidade de parceria entre os brincantes e o poder público, como a própria Gilmara Silva ressalta.

Essas atividades e a atenção dada pela mídia, ainda que parcialmente, são mecanismos que podem a longo prazo gerar resultados positivos no quesito resistência dos sotaques. Cabe sugerir aqui a mídia sob a perspectiva de ferramenta educacional, visto que é possível

assumir uma perspectiva integrada capaz de pensar as mídias como recurso global para a educação, seja porque são interpretáveis e criticáveis, seja porque são utilizáveis como linguagens por meio das quais se articulam as próprias visões do mundo. (RIVOLTELLA, 2002 apud FANTIN, 2011, p. 33).

Já para os turistas entrevistados na reportagem do JMTV, o folguedo e o São João do Maranhão foram caracterizados como “uma descoberta incrível”, “sensacional” e “de brilhar os olhos”. Supõe-se com essa reação que caso houvesse um maior destaque na mídia e no período junino em cima do sotaque, a sociedade maranhense valorizaria mais os grupos e combateria o apagamento dos mesmos.

6.2 Interpretação dos dados

Apesar de que na apresentação da categorização e codificação os dados já foram relacionados a reflexões presentes nas matérias e teóricas pertinentes para a sua compreensão, carece a este estudo cumprir mais uma etapa da AC, que seria a interpretação geral dos dados.

Posto isto, as informações e sentidos analisados demonstram que a invisibilidade do sotaque Costa de Mão na mídia é um fenômeno real e já vem acontecendo há algum tempo, sendo parte de um processo histórico de apagamento de expressões culturais não hegemônicas. Utilizando o conceito de apagamento das manifestações culturais, que segundo Froner “são resultantes tanto do desconhecimento quanto da cristalização de determinados valores que desabonam a heterogeneidade cultural” (2009, p. 88), é possível sugerir que a falta de registro, publicização e valorização do sotaque contribui para seu progressivo desaparecimento.

No cenário das comunidades locais, os impactos sociais e econômicos também se fazem presentes. O distanciamento da juventude em relação à prática do folgado, destacado em ambas as reportagens, está intrinsecamente ligado às dificuldades de transmissão do conhecimento entre gerações. A tentativa de reverter esse quadro por meio de estratégias temáticas, como a adoção de enredos voltados à juventude, sugere um movimento de adaptação para manter a tradição viva. A partir da análise de conteúdo e da quantidade de matérias localizadas, constata-se que o sotaque é abordado em um pequeno número de matérias, em contraste aos outros, mas, nas duas produzidas, ocorreu uma apresentação aprofundada. A falta de ações efetivas do governo municipal e estadual por meio de políticas públicas para sua valorização, aliada à carência de representação midiática, reforça o silenciamento desse traço cultural. Esse silenciamento se dá, ao refletir o efeito sob a ótica de Cuche (1999), através das hierarquias culturais comuns em sociedades com classes dominantes, onde o privilegiado se sobrepõe ao subordinado, ou seja, a posição da cultura está submetida ao poder social do grupo. Isso é observado na falta de protagonismo do sotaque na mídia e nos eventos culturais, o que pode gerar um efeito de retroalimentação, em que a marginalização leva à sua desvalorização e consequente esquecimento.

As análises das reportagens do G1 e do JMTV apresentam um padrão de desvalorização do sotaque Costa de Mão, onde a mídia ainda não o enxerga como um elemento fundamental da identidade cultural local, apesar de identificar o seu apagamento. Essa falta de visibilidade midiática reforça a necessidade de ações governamentais que estimulem a difusão cultural, além de iniciativas que promovam maior participação da população em manifestações culturais que fazem parte do seu Patrimônio e da sua história.

Além disso, é fundamental que veículos de comunicação ampliem seu olhar sobre os grupos culturais nativos, repletos de resistência, incorporando de maneira mais aprofundada e respeitosa as particularidades regionais. A ampliação da cobertura jornalística sobre o sotaque Costa de Mão pode contribuir para sua valorização e reconhecimento, tornando-se um passo essencial para a sua preservação. Posto que, a baixa atenção midiática que tem sido dada ao sotaque Costa de Mão termina por evidenciar um viés de seleção que favorece determinadas manifestações culturais em detrimento de outras. Visto a escassez de reportagens, mesmo em um período de grande visibilidade das festividades juninas, pode ser interpretada como um processo de marginalização simbólica dessa vertente do Bumba Meu Boi. Essa marginalização midiática, conforme apontado por Silverstone (2002), influencia diretamente na construção social do valor atribuído à manifestação cultural, restringindo sua legitimação e reconhecimento.

Além disso, a percepção do público de outros Estados e dos pesquisadores revela um contraste: enquanto os estudiosos apontam para a necessidade de reconhecimento e difusão do sotaque Costa de Mão, o público, em sua maioria, desconhece sua relevância e expressa admiração somente quando exposto à manifestação. Esse distanciamento reforça a importância de um discurso midiático fortalecido e de estratégias de educação patrimonial, conforme sugere Rivoltella (2002, apud FANTIN, 2011), para fomentar a valorização dessas tradições junto à sociedade e de acordo com o que relatou o próprio Mestre Eliezer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de existir uma extensa literatura sobre o Bumba Meu Boi do Maranhão, quando o tema passa a ser o sotaque Costa de Mão, esses materiais se tornam quase insuficientes, sejam eles registros escritos, fotográficos e em vídeo. Isso reflete a atual situação do sotaque, que através deste estudo pode-se constatar que está submetido a um processo de apagamento, mas também motiva a produzir conhecimento acerca dele, para combater o fenômeno citado, em que o poder público e a mídia dão destaque a outros sotaques em detrimento do Costa de Mão.

Junto a isso, com o propósito de produzir conhecimento para o âmbito da Comunicação Social — Jornalismo, tomou-se como objetivo desta investigação compreender a cobertura do Sotaque Costa de Mão em veículos jornalísticos, contando sua história e tradições, abordando em meio a ela o seu apagamento dentre os demais sotaques da manifestação folclórica.

Não houve durante a construção desse trabalho o desejo de mostrar inovações sobre o tema, mas sim apresentar através da teoria e da análise de conteúdo a atuação da mídia nesse contexto, para que os resultados encontrados sirvam como base em intervenções que podem ser realizadas.

Percebeu-se então que os veículos jornalísticos ainda são relapsos na produção de conhecimento que dê destaque ao sotaque, afinal no período junino de 2024 foram publicadas apenas duas matérias ligadas ao tema. Apesar disso, no corpo do material localizado há referências à invisibilidade do Bumba meu boi Costa de Mão, seu possível apagamento e a necessidade de iniciativas governamentais que garantam a existência do mesmo. Esse é um ponto positivo, pois verbaliza assuntos que há muito aflige os pesquisadores e os brincantes do folguedo.

Ainda é abordado também nas matérias os conflitos sociais, as dificuldades de conciliação entre tradição e a modernidade, no tocante da adaptação aos novos tempos e inclusão de jovens em seu corpo. Tudo isso sem prejudicar a essência que o sotaque Costa de Mão possui, respeitando as características identitárias do mesmo.

Considera-se que tendo um papel significativo no imaginário coletivo, os veículos jornalísticos deveriam ter uma produção mais assídua em relação ao Bumba meu boi Costa de Mão, pois assim o tornaria mais conhecido e frequente nas discussões sociais. Essas interpretações sobre o jornalismo e o poder público

são corroboradas pelas informações concedidas por Mestre Eliezer, proprietário do Boi Brilho da Sociedade, que avaliou o cenário da cultura popular e, embora resista mantendo sua prática cultural de ano a ano, não possui esperanças de que as futuras gerações darão continuidade a essa tradição, tendo em vista a falta de políticas culturais adequadas, a falta de visibilidade midiática e a concentração dos eventos juninos na capital (que inviabiliza muitos grupos do interior a ter acesso aos contratos e à difusão midiática). Levando-se em conta, claro, os seus limites como mídia e não eximindo os organizadores de arraiais da responsabilidade de dar mais espaços para as apresentações do folguedo.

Sobre esse último ponto, vale destacar que existe um Projeto de Lei (PL) proposto pelo deputado Carlos Lula que visa garantir a preservação e promoção das manifestações populares do Maranhão. Isso se daria através do registro, proteção e valorização dos mestres dos grupos folclóricos. Essa é uma intervenção que pode trazer esperanças para os participantes do sotaque Costa de Mão, como Mestre Eliezer, que foi nosso informante da pesquisa.

Todavia, o percurso de recuperação da relevância dessa manifestação para a sociedade é extenso e não há garantias de que os grupos resistam enquanto esperam por maior visibilidade, mas sua resistência continua sendo um grande ato de sobrevivência.

Por fim, tem-se esperança de que os bois desse sotaque recebam o destaque que merecem, participem de mais arraiais e se multipliquem, como também tornem-se mais presentes principalmente no imaginário do jovem, e o jornalismo tem um papel fundamental nesse processo de mediação cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato. O Folclore Negro no Brasil. **Revista Brasileira de Folclore**. Vol. 8. Nº 21. Maio/Agosto. 1968.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14ª Ed. – São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi do Maranhão**. São Luís: Ed. Alcântara, 1983.

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Cultura Popular e Contemporaneidade/Popular culture and modernity. Patrimônio e Memória, v. 11, n. 2, p. 102-122, 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARROS, Andréa Lana Pereira de. **Mediatização do sotaque de bumba-meu-boi de costa de mão**: reflexões acerca das formas de divulgação dos grupos e do tratamento dado pelo caderno de cultura Alternativo, do jornal O Estado do Maranhão. Monografia (Graduação) — Universidade Federal do Maranhão, Curso de Comunicação Social, 2011.

BARROSO, Matheus. **Integrantes de bois de costa de mão pedem mais visibilidade e atenção para o sotaque no MA**: entenda o caso. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/saojoao/noticia/2024/07/02/integrantes-de-bois-de-sotaque-de-costa-de-mao-pedem-mais-visibilidade-e-atencao-para-o-sotaque-no-ma-entenda-o-caso.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BENETTI, Marcia. **Análise do discurso em jornalismo**: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins. A cultura popular no Maranhão: uma indústria política?. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 3, n. 6, 2008.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins. **As mediações no Bumba Meu Boi do Maranhão : uma proposta metodológica de estudo das culturas populares**. 2016. 268 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CARDOSO, Rafael. **Bumba meu boi de costa de mão: história, grupos e tradição no Maranhão.** História, grupos e tradição no Maranhão. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/sao-joao/2022/noticia/2022/06/05/bumba-meu-boi-de-costa-de-mao-historia-grupos-e-tradicao-no-maranhao.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2024.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.
DOMINGUES, Petrônio.

DENCKER, Ada de Freitas Manetti & VIÁ, Sarah Chucid de. **Pesquisa empírica em ciências humanas com ênfase em comunicação.** 2º ed. São Paulo: Futura, 2001.

DUTRA, Walter Veloso. A proteção do patrimônio cultural brasileiro: direito e dever de todos. In: **XIII CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI.** 2014.

FANTIN, Mônica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, v. 14, n. 1, p. 11-21, 2011.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. O discurso jornalístico: o sujeito e o discurso. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 5-20, 1999.

FERREIRA, Carla Georgea Silva. **Bumba Meu Quilombo: o festival de bumba boi**

FERRETTI, Sergio F. **Preconceitos e proibições contra religiões e festas populares no Maranhão.** São Luís, 2007.

FRONER, Y. Patrimônio cultural tangível e intangível. In: **Paisagem cultural e sustentabilidade.** Leonardo Barci Castriota (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG; leds, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: editora atlas, 2009.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 4.ed. Petrópolis: Vozes,

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. **Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** São Luís: Iphan/MA, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2003.

LEITÃO, Rogério Ribeiro Das Chagas. A musicalidade do sotaque do Bumba-Boi da Ilha: um olhar etnomusicológico. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, p. 73–102, 23 Dez 2022 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/20535>. Acesso em: 9 jul 2024.

MARACANÃ, Humberto de. Palmeira de Babaçu. s. d. Online.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. Tradição e modernidade no Bumba-Meu-Boi. In: NUNES, Izaurina Maria de Azevedo (org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. - São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261-297.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PINHO, Jessenice Melo Araújo. **A festa do bumba-meu-boi no Maranhão: desafios entre a tradição e a inovação**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Gestão de Projetos Culturais) – CELACC/ECA/USP, São Paulo, 2012.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16ª ed. – São Paulo, SP: Brasiliense, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DO MARANHÃO. **Plano Estadual de Cultura**. São Luís: Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão, 2014.

SILVA FILHO, M. N. dos R.; PONTES, L. S. Bumba meu boi do Maranhão e o discurso religioso: o boi não é só festa, meu povo. **Raído**, [S. l.], v. 15, n. 37, p. 82–93, 2021. DOI: 10.30612/raido.v15i37.14664. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/14664>. Acesso em: 23 jun. 2024.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2002

STUART, Hall. **Cultura e Representação**. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC -Rio: Apicuri, 2016.

THOMPSON, P. **História oral e contemporaneidade**. História Oral, [S. l.], v. 5, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO A — Reportagem “Bois de sotaque costa de mão lutam para não serem extintos no Maranhão”



JMTV 1ª Edição

Bois de sotaque costa de mão lutam para não serem extintos no Maranhão

4 min

Poucos grupos ainda mantêm a tradição de costa de mão, que chama atenção pelo jeito ímpar que os brincantes tocam os pandeiros.

Trânsito no desvio da BR-222, em Santa Inês, é liberado após 3...

Caminhoneiros do sul do Maranhão reclamam do alto preço do óleo...

Levantamento do g1 MA mostra como ficou o cumprimento das...

Número de eleitores do MA cresce em relação aos registrados na...

ANEXO B — Reportagem “Integrantes de bois de costa de mão pedem mais visibilidade e atenção para o sotaque no MA; entenda o caso”.

Integrantes de bois de costa de mão pedem mais visibilidade e atenção para o sotaque no MA; entenda o caso

Ainda não há um estudo ou razão que diga, com exatidão, o porquê do visível apagamento do sotaque costa de mão. Ao g1, especialista aponta fatores que podem ter contribuído para o esquecimento desse sotaque tão importante para a história da cultura do Maranhão.

Por Matheus Barroso* — São Luís

02/07/2024 13h00 · Atualizado há 5 meses





Originado na região de Cururupu, cidade no litoral ocidental do Maranhão, o costa de mão é um dos cinco estilos, mais conhecidos como sotaques, do Bumba Meu Boi. — Foto: Arquivo pessoal do Boi Brilho da Sociedade

Originado na região de **Cururupu**, cidade no litoral ocidental do Maranhão, o costa de mão é um dos cinco estilos, mais conhecidos como sotaques, do Bumba Meu Boi. Este sotaque é caracterizado por ser uma modalidade em que os brincantes tocam os pandeiros com o dorso da mão.

Por conta de sua origem que remete ao período da escravização no Brasil, os grupos de costa de mão são compostos majoritariamente por pessoas negras. Isso se explica porque no berço do sotaque existiam muitos engenhos, onde foram vendidos e traficados muitos escravizados.



Além da forma única de tocar os instrumentos, o sotaque também carrega um diferencial, a presença dos personagens que integram os folguedos. A exemplo, as tapuias, que recebem esta nome apenas nos sotaques de **zabumba** e costa de mão, mas são conhecidas nos sotaques de **matraca**, **baixada** e **orquestra** como índias.



Mas, apesar de toda a história construída pelos antigos detentores, como são conhecidas as pessoas que produzem o bem cultural, o sotaque costa de mão é o que mais sofre com a falta de visibilidade e sensibilidade do poder público.

Leia Também: [Bumba meu boi de costa de mão: História, grupos e tradição no Maranhão](#)

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



no **descontos** para quitar
está **de até 70%** impostos
do **atrasados.**

Marins Consultoria Mais de 55 anos de experiência em soluções tributárias.

Essa falta de apoio é refletida no desinteresse em fechar contratos ou políticas voltadas às comunidades locais com o intuito de preservar esta tradição secular maranhense. Isso tudo acaba interferindo na sobrevivência dos trabalhos dos fazedores de cultura deste sotaque e na forma como a sociedade enxerga e consome a cultura junina maranhense.

do Maranhão (Iphan), Izaurina Nunes, explica que a falta de apoio do poder público pode ser apenas um dos inúmeros fatores que levam o sotaque a não ter tanta prioridade, em relação aos outros, nos arraiais, sejam os comunitários ou organizados pelos gestores políticos.

O que aconteceu com o costa de mão?

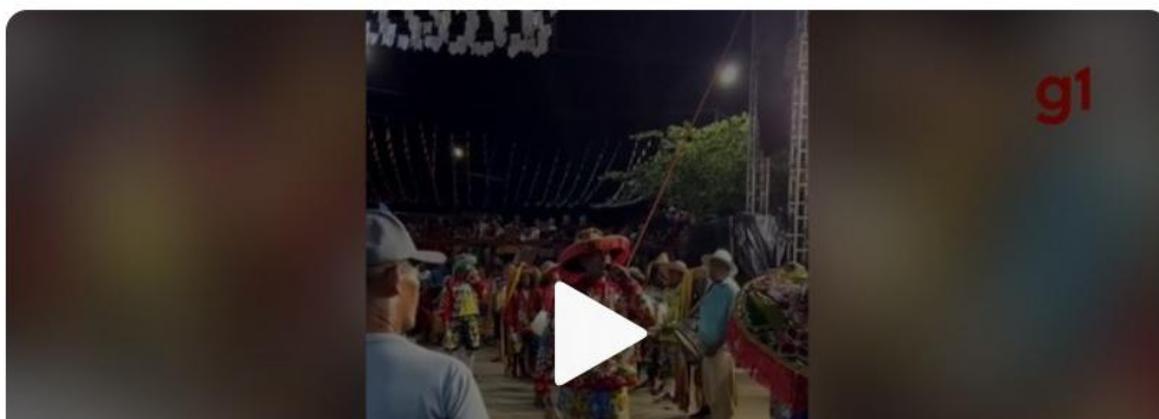
Para entender mais sobre os bois, é necessário ir a fundo na história desse sotaque, segundo Izaurina Nunes, que foi uma das responsáveis por instruir o processo de registro que levou o **bumba meu boi do Maranhão a ser consagrado como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade**, em 2019.



Atualmente, no Maranhão existem sete grupos de bois de costa de mão. Em **São Luís**, há dois grupos, que ficam na zona rural; nas cidades de Bacuri (MA) e Serrano do Maranhão (MA), cada um tem um grupo. Já em Cururupu, na cidade onde tudo começou, existem três grupos, um deles é o Boi Brilho da Sociedade.

Segundo a cientista social, o Iphan realizou ações afirmativas no interior do Maranhão em 2018, considerado o ano do costa de mão, voltadas para detentores e integrantes dos grupos de bumba meu boi tradicionais, como oficinas de bordado de indumentárias.

Nessas incursões, em contato direto com os porta-vozes dos bois, ela explica que a principal queixa dos grupos é a falta de incentivos financeiros e contratuais, que acaba os impossibilitando de exercerem seus trabalhos.



Além disso, os grupos relataram a falta de oportunidades nos principais eventos juninos organizados pelas prefeituras de suas próprias cidades. Segundo eles, os municípios acabam priorizando outros sotaques de bumba meu boi de outras regiões do estado, deixando o costa de mão em segundo plano.

“Tem um grupo que o rapaz disse ‘olha, a gente não conseguiu da Prefeitura apresentação no maior arraial da cidade, nos botaram em arraiais menores’. O próprio gestor não tem a sensibilidade da importância de manter o sotaque do lugar. O Iphan contratou bordadores do lugar [de origem dos bois] porque a gente não queria descaracterizar os bordados do lugar”, disse Izaurina.



Para a cientista social, o reforço das características identitárias individuais de cada sotaque de boi é importante para manter viva a diversidade cultural dentro do boi maranhense. Este foi um dos argumentos apresentados no registro que sujeitava a tradição como um potencial para ser considerado um Patrimônio Cultural da Humanidade.

“Um dos argumentos que nós usamos foi que o boi é diverso, também cultural e único, mas que, de acordo com a região, ele se mostra de uma forma. Isso demonstra a capacidade da criatividade do maranhense em brincar o bumba meu boi”, disse.

Dificuldades enfrentadas pelo boi

Com os espaços cada vez mais escassos para apresentações, Gilmara Silva, dona do Boi Brilho da Sociedade, conta que houve uma preparação desde muito cedo para as brincadeiras juninas deste ano. Ao **g1**, ela diz que o boi tem base comunitária, formado por famílias e amigos que juntam forças para manter viva a tradição.

Segundo Gilmara, apesar do boi ter sido chamado para se apresentar no evento considerado o maior arraial de Cururupu, não ter a oportunidade de ter tido mais espaços para se apresentarem na capital maranhense foi um motivo de muita frustração para os integrantes do grupo.

“A nossa participação nos arraiais da capital não aconteceu e isso nos causou uma frustração enorme. Fazemos isso há anos. Para mim, a nossa ausência nos arraiais da capital deste ano mostra primeiro como nós, que estamos trabalhando no interior, não somos vistos pelas pessoas da capital”, disse Gilmara.





Boi Brilho da Sociedade, sotaque costa de mão, se apresentando em Cururupu

Por conta das dificuldades financeiras neste ano, o Boi Brilho da Sociedade iniciou uma campanha de arrecadação de dinheiro nas redes sociais para custear as despesas do grupo e o transporte de ida para as apresentações em São Luís, porém as arrecadações não foram suficientes para cumprir com o objetivo.

Além disso, outro problema apontado por Gilmara é o atraso do pagamento do grupo após as apresentações. Ela considera essa demora como uma falta de incentivo para o boi continuar com as atividades no período junino.

“O pagamento dos cachês após as apresentações, muitas vezes com atraso, dificulta a nossa organização financeira. Não conseguimos pagar transporte e arcar com as despesas de alimentação”, relatou a dona do boi.

Invisibilidade do boi

Izaurina Nunes diz que ainda não há um estudo que diga com exatidão o porquê do visível apagamento do sotaque. Entretanto, segundo a pesquisadora, um dos fatores que podem ser levados em consideração é o um problema racial estruturado na sociedade, já que os grupos em maioria, são formados por pessoas negras.

“Os brincantes tentam manter a brincadeira com muita dificuldade, por conta do preconceito que a gente sabe que existe na nossa sociedade, sobretudo dos bois que tem essa presença marcante do negro. Eles têm essa questão do preconceito bastante presente”, pontua a cientista.

Além desta hipótese, Izaurina destaca um fator interno dos próprios grupos de costa de mão, como a dificuldade de transferência de conhecimento das pessoas mais velhas, que mantêm os grupos, para a nova geração de brincantes, como um empecilho para o mantimento consistente da tradição.

A cientista observa que essa falha acaba prejudicando os grupos e impedindo que os jovens se interessem em participar dos encontros do Costa de Mão.

“Muitas vezes, os bois são mantidos por pessoas de mais idade, isso, de alguma forma, termina afastando o jovem. Então, o boi termina ficando conhecido como um boi de pessoas idosas. É muito lamentável ter que falar isso, mas é o retrato da nossa sociedade”, ressalta Izaurina.

Já dentro do Boi Brilho da Sociedade, Gilmara Silva explica que a presença de jovens ainda é uma realidade muito latente. Para ela, o público com menos idade compõe a metade do número de brincantes do grupo, que neste ano teve um tema estratégico das apresentações escolhido para mostrar o empenho da mocidade.

“Esse ano apresentamos o tema ‘Juventude vibrante, cultura que pulsa no ritmo do Bumba-Meu-Boi de Costa de Mão’ para mostrar à sociedade que os jovens estão interessados em nossas tradições culturais e que eles participam com muita inteireza. Um grupo de bumba-boi se faz com muitas gerações”, reforçou.

Esforço para preservar o sotaque

De acordo com Isaurina Nunes, o trabalho de preservação é feito a médio e longo prazo. Por causa disso, uma das formas encontradas por ela, para preservar a cultura do costa de mão no estado, foi começando a trabalhar a tradição com crianças desde o ensino básico.

Em conjunto com o Iphan, foi produzido um material didático distribuído para os alunos da rede pública da zona rural de São Luís. Com DVD's, cadernos passa-tempo, livros de histórias e quadrinhos, os materiais foram organizados para ensinar as crianças sobre o sotaque.

As Aventuras do Bozinho Odorico, material para crianças aprenderem mais sobre o sotaque costa de mão.

O boizinho Odorico, nome dado em homenagem à escola onde Honório Odorico Ferreira, no bairro Tajipurú, em São Luís, onde a ação foi realizada, divide as histórias com o Belinho Nizetinha, personagens inspirados nos dois donos do boi de costa de mão da região, seu Umbelino e dona Nizete.

Na vida real, os dois são cunhados, mas nas obras, que contam todas etapas do boi, como o nascimento, o batizado e a morte do boizinho, eles são tratados como primos. De acordo com Izaurina, todo o enredo das histórias e a forma como tudo foi planejado para deixar a história e o boizinho mais humanizado, voltado para o ensino infantil.

“O trabalho com o patrimônio é um trabalho de médio e longo prazo. De hoje para amanhã, a gente não vai colocar consciência na cabeça de ninguém. É um trabalho nas escolas que a gente acredita. O costa de mão é diversidade, é um sotaque que tem que se preservar, assim como os outros”, disse Izaurina.

Alternativas em conjunto

Para Gilmara Silva, dona do Boi Brilho da Sociedade, as saídas para tirar o sotaque do esquecimento devem ser pensadas em conjunto com toda a sociedade. Para ela, setores importantes devem assumir a responsabilidade de tornar o sotaque mais conhecido e mostrar sua importância, como a mídia, educadores e pesquisadores.

Além disso, a dona do boi cobra que o poder público possa se comprometer com elaboração de projetos que levem em consideração a fomentação de políticas culturais para grupos no interior do estado.

“É importante que os gestores culturais olhem para as especialidades dos grupos que residem no interior. Jornalistas podem escrever mais sobre a nossa história, musicalidade e arte; professores, ao falar sobre cultura popular, podem apresentar o BMB de costa de mão; pesquisadores podem sair mais da capital e conhecer a diversidade das manifestações culturais que têm no interior do estado. Enfim, para que o costa de mão seja mantido, é preciso que se junte todas as mãos”, finalizou a dona do boi.

Supervisionado por Rafaele Fróes

ANEXO C — Roteiro da entrevista com os Mestres do Bumba Meu Boi sotaque Costa de Mão

Pauta para entrevista semi-estruturada: O Sotaque Costa de Mão no Bumba Meu Boi

Introdução:

- **Objetivo da entrevista:** Explorar a história e os desafios enfrentados pelo grupo de Bumba Meu Boi, com foco no sotaque Costa de Mão, e compreender como ele tem sido inserido nas brincadeiras juninas da Grande Ilha.
 - **Contexto:** O Bumba Meu Boi é a manifestação cultural mais popular do Maranhão, com diferentes sotaques, sendo o Costa de Mão um dos mais tradicionais e, ao mesmo tempo, o mais prejudicado em termos de visibilidade nas festividades oficiais. A entrevista busca entender a trajetória do grupo e os obstáculos que enfrentam na manutenção desse sotaque.
-

I. Histórico do Grupo de Bumba Meu Boi (Sotaque Costa de Mão)

1. **Qual a origem do seu grupo de Bumba Meu Boi?**
 - Como e quando o grupo foi formado?
 - Quem foram os fundadores e qual a motivação para a criação do grupo?
 2. **Quais são as principais características do Sotaque Costa de Mão em relação aos outros sotaques (Matraca, Orquestra, etc.)?**
 - Como o sotaque Costa de Mão é reconhecido pelo público e pelos outros grupos?
 3. **Como o grupo se relaciona com a história do Bumba Meu Boi no Maranhão e sua evolução?**
 - O que significa para o grupo ser mantenedor de uma tradição tão importante para o Maranhão?
-

II. Composição e Preparação do Grupo

4. **Atualmente, quantos brincantes compõem o grupo?**
 - Qual a composição do grupo? (quantos integrantes em cada função: músicos, dançarinos, figuras principais etc.)
 - Como o grupo se organiza para ensaios e apresentações?
5. **Como funciona a preparação do grupo para o período junino?**

- **Como são organizados os ensaios? Quantas semanas ou meses de preparação antes do período junino?**
 - **Quais são os maiores desafios na preparação? (treinamento, figurino, transporte, logística, etc.)**
-

III. Desafios e Dificuldades

- 7. Quais as maiores dificuldades enfrentadas para manter o grupo ativo e funcionando?**
 - **Quais são as dificuldades financeiras, logísticas ou de organização enfrentadas?**
 - **Como o grupo lida com a falta de recursos e com as questões relacionadas à sustentabilidade?**
 - 8. Quais são as principais dificuldades encontradas para garantir a presença do Sotaque Costa de Mão nas festas e festivais oficiais?**
 - **Existe um desinteresse por parte do público ou das autoridades em relação ao sotaque Costa de Mão?**
 - **O que o grupo acha que falta para garantir uma maior visibilidade e valorização do Costa de Mão?**
 - 9. Há algum tipo de discriminação ou preferências por outros sotaques nas programações oficiais?**
 - **Como o grupo percebe o tratamento do poder público em relação ao Sotaque Costa de Mão, em comparação com outros sotaques como Matraca e Orquestra?**
-

IV. Relação com o Poder Público

- 10. Como funciona a relação do grupo com o poder público (prefeituras, governo do estado)?**
 - **O grupo é apoiado financeiramente ou logisticamente por órgãos públicos?**
 - **Quais são as principais dificuldades encontradas em relação ao apoio do poder público?**
- 11. O que o grupo acha das políticas públicas atuais para o incentivo ao Bumba Meu Boi no Maranhão?**
 - **Existe algum apoio específico para os sotaques tradicionais como o Costa de Mão?**
 - **Como o grupo vê a distribuição de recursos e espaços para as brincadeiras juninas, principalmente em relação à diversidade de sotaques?**

12. Nos últimos períodos juninos, em quantos arraiais o grupo esteve presente?

- **Como o grupo é inserido nas programações de arraiais? Quais eventos tiveram mais destaque e visibilidade?**
-

V. Perspectivas Futuras e Recomendações

13. Como o grupo vê o futuro do Sotaque Costa de Mão dentro do Bumba Meu Boi?

- **O grupo acredita que o sotaque tem chances de se manter e ganhar mais espaço, ou há um risco de desaparecimento?**
- **O que poderia ser feito para garantir sua preservação e continuidade?**

14. Quais são as recomendações do grupo para melhorar a inserção e valorização do Sotaque Costa de Mão nas festividades juninas?

- **O que precisa ser mudado ou melhorado para que o sotaque tenha mais reconhecimento e visibilidade?**
- **O grupo acredita que a sociedade maranhense está valorizando devidamente o Sotaque Costa de Mão?**

15. Que papel o grupo desempenha na manutenção da cultura popular maranhense e como isso se relaciona com as novas gerações?

- **Como o grupo envolve os jovens na preservação e continuidade do Bumba Meu Boi e do Sotaque Costa de Mão?**
-

Conclusão:

- **Mensagem final do grupo: O que eles gostariam que o público, as autoridades e os maranhenses em geral soubessem sobre a importância do Sotaque Costa de Mão e do Bumba Meu Boi?**

ANEXO D — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

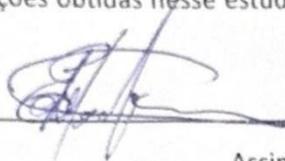
A presente pesquisa, sob o título: **COSTA DE MÃO: Uma cultura que resiste ao tempo** está sendo realizada em 2025, no âmbito da Graduação em Comunicação, da UFMA – Campus São Luís, sob a orientação da professora doutora Letícia Conceição Martins Cardoso, e terá, como procedimento metodológico pesquisa de campo com entrevistas individuais. Em linhas gerais, a pesquisa pretende entender a ausência do Sotaque Costa de Mão em veículos jornalísticos, contando sua história e tradições, abordando em meio a ela o seu apagamento dentre os demais sotaques da manifestação folclórica.

O resultado do estudo será apresentado como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Maranhão. Em concordância com o pesquisador, o entrevistado autoriza a gravação do depoimento em áudio e/ou vídeo e, posteriormente, a publicação do conteúdo. Fica assegurada ao entrevistado a possibilidade de manter contato com o pesquisador responsável pelos dados, para esclarecimentos necessários. Para isso, os dados para contato são: Rainer Breno Frazão Sousa, Unidade 203, Rua 4, Casa 63, Cidade Operária – São Luís/MA, (98) 99212-2180 e brenfrazao@hotmail.com.

Desse modo, o entrevistado subscreve o formulário abaixo autorizando o uso de seus relatos no referido trabalho acadêmico.

Eu, Elizogen Gomes Martins,
Carteira de identidade nº 044 943.395-1, endereço
R. GOMES DO SOUSA 596 VILA PASSOS,
telefone 98128-5417, venho, por meio deste, comprovar minha participação voluntária na pesquisa realizada pelo graduando Rainer Breno Frazão Sousa, da Universidade Federal do Maranhão, intitulada **COSTA DE MÃO: Uma cultura que resiste ao tempo**. Estou ciente de que me submeterei a responder as entrevistas de maneira voluntária e verídica, no que tange a finalidade desta pesquisa. Estou ciente, também, que posso deixar de responder qualquer pergunta sem que nenhuma

implicação recaia sobre mim, além de concordar, para fins científicos, com a utilização das informações obtidas nesse estudo.



Assinatura

São Luís
10/01/2025